





Quando
te vejo

Beth Kery



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

livros para fugir da rotina

TÍTULO: *Quando Te Vejo*

AUTORIA: *Beth Kery*

EDITOR: *António Vilaça*

Esta edição © 2014 Edições Saída de Emergência

Título original Since I Saw You © 2014 Beth Kery. Publicado originalmente em Nova Iorque por Berkley Books, 2014

TRADUÇÃO: *Teresa Martins de Carvalho e Nanci Marcelino*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Caflesa, Soluções Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Março, 2014*

ISBN: *978-989-637-628-4*

DEPÓSITO LEGAL: *372122/14*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Praça do Junqueiro, nº3, Loja B, 2775-597 Carcavelos, Portugal

Tel e Fax: 218 084 370

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



Quando te vejo

Beth Kery

*Tradução de Teresa Martins de Carvalho
e Nanci Marcelino*

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Agradecimentos

Os meus agradecimentos vão para Leis Pederson, o meu editor que me dá muito apoio, e também para Mahlet e Limecello, pela leitura beta que fizeram e pelo *feedback* extremamente útil e inteligente. Estou verdadeiramente grata por a minha mente inconsciente ter criado Kam Reardon, uma vez que ele acabou por se tornar no meu herói preferido e numa fonte rica em sensualidade e humor. Por fim, como sempre, os meus eternos agradecimentos ao meu marido, meu fã número um e o meu pilar de força.



Capítulo

UM

Lin Soong caminhava pelo passeio apressadamente, com o rosto coberto por uma camada fina de transpiração revestida pela névoa outonal. Maldito nevoeiro. Há vários quarteirões que não encontrava um táxi disponível. Por fim, acabara por, simplesmente, percorrer mais de um quilómetro a pé, desde as Torres Noble até ao restaurante. Depois de um longo dia de trabalho e de andar a correr em saltos altos, tinha os pés a dar cabo dela. Para piorar ainda mais as coisas, o cabelo iria ficar uma calamidade por causa da humidade. Imaginou-se a si própria com dez ou onze anos e a sua avó, de pé, por trás dela, empunhando uma escova e um ferro de alisar, quais armas de um guerreiro.

— Tens o cabelo da tua mãe — diria a avó, com uma expressão implacável nos lábios ao mergulhar na sua tarefa de lhe esticar o cabelo. Lin ficara com poucas dúvidas quanto ao que a avó pensava da potencial ameaça de o traço rebelde da sua mãe reaparecer na própria Lin. De acordo com a avó, o cabelo era algo que tinha de ser conquistado e aperfeiçoado, sendo alisado e domado, tal como tudo na vida.

Lin lançou-se através das portas giratórias do restaurante e parou na entrada vazia, esforçando-se para acalmar a respiração e o coração palpitante. Detestava sentir-se agitada e aquela situação exigia ainda mais do seu habitual autodomínio.

Na altura em que entrou no restaurante apinhado e elegante, já voltara a prender o cabelo ondeante e frisado e usara um lenço de papel para secar o rosto húmido. Descobriu-o imediatamente, sentado no bar. Era impossível passar despercebido a alguém. Por alguns longos segundos, limitou-se a

observá-lo. Sentia uma mistura estranha de ansiedade e excitação a borbulhar-lhe no estômago.

Porque é que Ian não referira que o seu meio-irmão era tão parecido com ele?

Foi absorvida pela imagem dele: era muito atraente, mesmo apesar de aquele ar severo ser um pouco desencorajador. Vestia uma camisa azul-escura, e o castanho vivo de um casaco de camurça áspera fazia sobressair-lhe as madeixas castanhas-avermelhadas do cabelo. Kam Reardon não sabia, e ela jamais lho diria, mas fora ela própria quem escolhera a roupa que ele vestia. Parte da missão que Ian lhe atribuíra fora tornar o seu meio-irmão apresentável para um negócio potencialmente lucrativo ali em Chicago. Ian sugerira um guarda-roupa novo para a viagem dele até aos Estados Unidos da América. Depois de algum encorajamento habilidoso por parte de Ian, Kam concordara de má vontade, mas insistira em pagar tudo. No entanto, fora Lin quem efetivamente escolhera as peças e as enviara para o Solar Aurore, em França. Na verdade, ela também andara a escolher e a enviar mobiliário para o Solar Aurore — a grandiosa casa de Kam, que ficara degradada.

O facto de o ver a usar as roupas animou-a, era uma prova em primeira mão de que ele as considerara adequadas ao gosto dele. A escolha de roupas que ela fizera, porém, não ajudara muito Kam a passar despercebido. Ele era demasiado grande para as cadeiras delicadas alinhadas no bar minimalista superlustroso. Destacava-se que nem um gigante no estabelecimento moderno, todo ele composto por traços bem marcados e masculinos e ângulos implacáveis.

Não... como um gigante não, corrigiu Lin. Era mais como um leão no meio de uma manada de antílopes. A quietude absoluta e a vigilância alerta dele pareciam um pouco sinistras por entre aquele mar de clientes endinheirados a conversar despreocupadamente.

De repente, ela apercebeu-se de que, do outro lado da zona de refeições, a abarrotar de gente, o olhar dele se prendera nela.

— *Bonsoir*, bela. A tua mesa já está pronta — disse alguém com uma voz aveludada de sotaque francês.

Lin pestanejou e desviou o olhar do homem que apesar de ser um estranho para ela não o era: o infame meio-irmão do seu patrão, o selvagem que a tinham mandado domar.

Em vez disso, concentrou-se no rosto sorridente de Richard St. Claire. Richard era um vizinho, um bom amigo e gerente do restaurante em que se encontravam. Era proprietário do estabelecimento de renome mundial, juntamente com o seu sócio, o *chef* Emile Savaur. Lin era uma cliente assídua.

Ela correspondeu calorosamente ao cumprimento de Richard quando se abraçaram e ele lhe deu um beijo na face.

— Podes guardar-me a mesa só por um instante, Richard? A minha companhia para jantar está à espera no bar. Queria ir apresentar-me — disse Lin, virando-se quando ele começou a despir-lhe o casaco.

— O senhor altura, mistério e seriedade em pessoa? — murmurou Richard entre dentes ao dobrar o casaco dela elegantemente sobre o antebraço, com um ar divertido. Ele reparou no olhar surpreso de Lin quando ela voltou a olhar para ele. Como é que Richard sabia que a companhia dela para jantar era o homem que estava no bar? — Tu tinhas dito ao telefone que vinhas jantar com o meio-irmão do Noble, quando fizeste a reserva. Reparei nas semelhanças, quem não repararia? Mal posso esperar para ficar a saber a história toda por trás deste cenário — disse Richard, olhando maliciosamente de relance na direção de Kam. — Ele parece um Ian Noble a fazer-se passar por um lutador de rua brasileiro, mas com a vantagem adicional de ter os olhos de sedutor-como-o-diabo do Lucien.

Lin reprimiu uma gargalhada ao ouvir a descrição acertada. Richard e Lucien Lenault, o outro meio-irmão de Kam e Ian, também eram bons amigos. Não havia dúvida de que Lucien já lhe contara parte, se não toda, da história de Kam.

— Na verdade, até está muito bem arranjado — sussurrou Lin. — Ainda nem há seis meses, as pessoas da vila perto do sítio onde morava pensavam que ele era um sem-abrigo e doido, quando, na verdade, é um verdadeiro génio e extremamente concentrado — acrescentou, com a cabeça curvada para baixo. Ela suavizou a sua expressão, extremamente consciente do olhar penetrante de Kam ainda fixo na direção dela.

— Ele dificilmente se parece com um vagabundo, mas tem estado sentado ao balcão com um ar de quem tem estado a mastigar pregos nos últimos dez minutos. O Victor não sabe se está apavorado com o homem ou se está apaixonado por ele — disse Richard baixinho, referindo-se ao empregado de bar que estava a servir Kam. De facto, Victor estava, subrepticamente, a analisar a torre carrancuda de músculos e barba rarefeita sentada no bar, com uma mistura de cautela e forte admiração, enquanto secava um copo.

Lin lançou um olhar repressivo, mas divertido, ao amigo e foi até ao bar para conhecer o irmão de Ian. Kam era uma das poucas pessoas sentadas no bar de teca, com um copo de cerveja meio cheio à sua frente.

— Peço muitas desculpas por chegar atrasada. O trabalho foi uma loucura e não havia um único táxi disponível quando, finalmente, consegui sair. Deve ser o Kam. Tê-lo-ia reconhecido em qualquer sítio — disse ela ao

aproximar-se dele, sorrindo em jeito de cumprimento. — O Ian nunca me disse o quão parecidos vocês são.

Ele virou-se ligeiramente na cadeira, dando-lhe uma vista de olhos descontraída. Ela permaneceu totalmente imóvel sob a análise minuciosa dele, com uma expressão calma e impassiva. Por dentro, sentiu-se desconfortável. Ian também falhara ao não avisar de que Kam Reardon exalava puro sexo — não que Ian alguma vez dissesse isso sobre o irmão.

Apesar de ele não ter levado mais do que um mero segundo a examiná-la, foi como se tivessem passado minutos até ele, finalmente, a olhar nos olhos. Ela reconheceu o brilho firme da apreciação masculina nos olhos dele. Uma sensação estranha percorreu-lhe a espinha. Seria excitação? Ou seria aquela marca invulgar de desejo sexual que nos atinge qual relâmpago durante uma arremetida rara e invulgar de atração? O rosto e a forma dele eram semelhantes a Ian, apesar de, ao perto, haver diferenças notáveis: o nariz era ligeiramente maior, a pele mais morena, os lábios mais carnudos, o cabelo não sendo tão escuro quanto o de Ian, tinha uns toques castanhos-avermelhados por entre as ondas volumosas. Um deslumbrante cabelo masculino, avaliou Lin. Só podia ter dúzias de mulheres a ansiarem enterrar os dedos nele diariamente.

Ian certamente que nunca sairia em público com a barba por fazer há um dia e meio. Apesar de a roupa de Kam ser adequada para o restaurante, era muitíssimo mais descontraída do que os fatos *Savile Row* típicos de Ian. Era como ver Ian num qualquer espelho mágico: uma versão sombria, selvagem, do jovial patrão dela. Os olhos de um tom cinzento-prateado de Kam, com aquele círculo preto em torno da íris, eram incontestavelmente únicos, apesar de Richard ter dito que eram semelhantes aos de Lucien.

Talvez fosse o efeito que estes surtiam sobre Lin que era singular.

— Talvez o Ian nunca tenha reparado nas nossas parecenças — respondeu Kam. — Ele nunca me viu sem barba.

Outra diferença enorme. De forma muito semelhante à da avó dela, que aprendera inglês em Hong Kong, a pronúncia de Ian denotava um controlo nítido e descontraído. A voz rouca e com sotaque francês de Kam atingiu-a qual abrasão delicada e estimulante ao longo da pele do seu pescoço e da orelha.

Ela estendeu a mão.

— Eu sou a Lin Soong. Como já deve saber, trabalho para o Ian. Não imagina o prazer que é finalmente conhecê-lo.

Ele pegou na mão dela, mas não lhe deu um aperto de mão, limitando-se a agarrá-la. A mão dele era grande e quente, envolvendo a mão dela. A almofada do dedo indicador dele pressionou, ao de leve, o lado interior do pulso dela.

— O meu irmão tem o hábito de sobrecarregar menores de idade com trabalho? — perguntou ele.

Ela corou, e o transe temporário inspirado pela voz dele e pelo toque quebrou-se. Ela sabia que parecia mais nova do que a idade que tinha, principalmente com a maquilhagem desvanecida por causa da névoa e o cabelo a encaracolar-se ao redor do seu rosto que nem uma nuvem escura. Para além disso, era jovem para o cargo que ocupava na Noble Enterprises como braço-direito de Ian. Estava habituada àquela observação, embora não costumasse deixá-la tão desorientada quanto deixara agora.

— Dificilmente posso ser considerada menor de idade. O Ian parece achar-me suficientemente capaz de cumprir todos os meus deveres — disse ela, suavemente, arqueando as sobrancelhas num protesto pouco sério e divertido.

— Não duvido. — Ela pestanejou perante a certeza de aço denotada pelo tom de voz dele. O dedo dele moveu-se sobre o pulso dela e, de repente, ela libertou a mão, receosa de que ele reparasse na subida em flecha da sua pulsação.

— Na verdade, tenho vinte e oito anos — disse ela.

— Não é muito nova para a função que desempenha na Noble Enterprises? Já ouvi as histórias do Ian, do Lucien e da Francesca. Ele parece não conseguir trabalhar sem si — disse ele.

Ela corou com o elogio.

— Pode-se dizer que fui preparada para o cargo. A minha avó era a vice-presidente financeira da Noble. Ela arranjava-me estágios de verão regulares, enquanto eu andava na faculdade.

— E um dia acabou no colo do Ian? — perguntou ele, com os olhos cinzentos-prateados a cintilar com o que parecia ser uma mistura de humor e interesse. — A sua avó ainda trabalha para o Ian?

— Não. Ela faleceu faz dois anos este Natal.

Ela ficou sem fôlego assim que ele lhe envolveu o pulso com a mão. Iria tocar-lhe? Deu um pequeno pulo quando uma cadeira fez ruído ao ser arrastada pelo chão de madeira. Expirou ao aperceber-se de que ele estava a puxar a cadeira ao seu lado para que ela pudesse sentar-se.

— A nossa mesa está pronta — explicou ela.

— Prefiro comer ao balcão.

— Claro — disse ela, recusando-se a ficar desorientada. Pousou a pasta de documentos no banco ao lado dela e estendeu a mão para pegar na cadeira. A forma como ele franziu o sobrolho enrugou-lhe a testa e ele levantou-se. — Obrigada — sussurrou ela, surpreendida, quando reparou que ele se levantara de má vontade para a sentar. Talvez ele não fosse assim tão educado, afinal de contas.

— É das porreiras — disse ele ao sentar-se novamente ao lado dela, roçando com os joelhos cobertos pelas calças de ganga na anca e na coxa dela.

— O que quer dizer com isso?

Ele encolheu os ombros ao de leve, com os olhos a cintilar quando a fitou.

— Pensava que ficaria ofendida por ficarmos no bar.

— Não quer dizer que tinha esperança que eu ficasse? — desafiou-o calmamente. Ela passou o olhar para Victor quando o empregado de bar se aproximou, falando para este antes que Kam tivesse oportunidade de a refutar. — O Victor costuma servir-me ao balcão quando apareço inesperadamente depois de um longo dia de trabalho. Ele trata bem de mim — disse ela.

— E é sempre um prazer. O habitual, Menina Soong? — perguntou Victor.

— Sim, obrigada. E, por favor, podes dizer ao Richard para dar a nossa mesa a outra pessoa?

Victor anuiu, lançando um olhar nervoso e de cobiça antes de se afastar.

— Meu Deus, o que é que fez àquele pobre homem? — perguntou Lin, com um tom de voz baixo, pousando os cotovelos no balcão e olhando Kam nos olhos, divertida.

— Nada. Pedi-lhe uma cerveja.

— Só isso? — perguntou Lin, de modo duvidoso.

Ele encolheu os ombros despreocupadamente.

— Talvez não. Posso ter dito algo do género: esqueça lá essa merda toda e dê-me só o raio de uma cerveja. — Reparou nas sobranceiras erguidas dela. — Ele estava a tentar convencer-me a pedir daquelas bebidas extravagantes e uns aperitivos.

— Vejam lá, ele a sugerir que comesse e bebesse num restaurante!

Para grande surpresa dela, ele sorriu de orelha a orelha, expondo dentes brancos em contraposição com a sua pele escura. — O tipo tem tomates, não tem?

Lin obrigou-se a desviar o olhar da imagem magnética do sorriso de Kam Reardon. Não havia dúvida que era um pouco diabólico e absolutamente sensual, mas, naquele momento, também se via uma pontinha de timidez nele, como se o interesse em conhecê-la tivesse despertado inesperadamente. E, tal como ela, não estivera preparado para isso. Era algo poderoso. Talvez ela pudesse perdoar Ian por não a ter avisado quanto ao seu meio-irmão, mas, de facto, a esposa dele, Francesca, sendo mulher como ela, podia ter dito alguma coisa que a pudesse ter preparado para o impacto causado por Kam.

— A maioria das pessoas que está a ter um mau dia e vem para o bar

espera poder ter uma conversa simpática com o empregado do bar — censurou-o delicadamente.

— Eu não sou a maioria das pessoas — retorquiu ele, observando-a enquanto também pousava os cotovelos sobre o balcão e se inclinava para a frente, igualando a postura dela.

— Sim. Acho que já chegámos a essa conclusão — sussurrou ela humildemente, examinando-o enquanto esfregava o queixo no seu próprio ombro. Ficaram sentados próximos um do outro. Muito mais próximos do que se tivessem jantado numa mesa. Os cotovelos de ambos tocaram um no outro ao de leve; as posturas eram íntimas. Demasiado até para quem acabara de se conhecer. Instintivamente, ela olhou de relance para baixo, reparando no fundilho e nas coxas fortes dele cobertas pelas calças de ganga.

As faces dela foram inundadas por calor. Fixou o olhar, cegamente, nos objetos de vidro pendurados por trás do bar.

Silenciou a voz que ouvia na sua cabeça a dizer-lhe para se recostar de modo a obter uma perspectiva. Lin Soong não costumava andar pelos bares a namoriscar com homens rudes e sensuais. Mas o rosto dele deixara-a fascinada. Teve vontade de voltar a virar-se e de o examinar; o desejo de o fazer era praticamente um íman para a sua atenção. E... ela conseguia sentir o cheiro dele. O odor era simples: sabonete e pele masculina acabadinha de lavar. Não, devia ter sido simples, mas, de certo modo, era vertiginosamente complexo. Delicioso.

— Não estava a tentar insultá-la ao dizer que preferia comer no bar — disse ele, referindo-se ao sarcasmo subtil que ela usara anteriormente para dizer que ele pretendia insultá-la. — Estou mais confortável aqui. Estou sem prática. Não estou habituado a sítios como este — explicou ele, olhando de relance em volta sem mover a cabeça.

— Peço desculpa — disse ela, com sinceridade. Com um aperto no coração, pensou nos planos que fizera para ele para as semanas seguintes. Ian aprovara-os, mas Kam, obviamente, não aprovaria. Talvez fosse melhor ela tratar das coisas com ele de uma forma mais branda, e se o avisasse de cada compromisso apenas com um ou dois dias de antecedência, para que ele não tivesse tempo para ficar com demasiado pavor? — Não estava a tentar ser pretensiosa ao convidá-lo para se encontrar comigo aqui. Apesar de o Savaur poder ser considerado um restaurante requintado, acho que é precisamente o oposto. É quase como uma segunda casa para mim. Sou muito amiga dos proprietários, na verdade eles são meus vizinhos.

— Aquele com quem estava a rir-se, provavelmente sobre mim, quando chegou era um deles?

Ela foi trespassada por um sentimento de culpa.

— Não nos estávamos a rir de si.

Ele arqueou as sobrancelhas e dirigiu-lhe um olhar insípido, como se dissesse que lhe era indiferente se estavam ou não a rir-se dele. Lin ficou com a vaga impressão de que os modos impenetráveis dele não eram só fogo-de-vista. Ele devia, realmente, ter-se tornado insensível ao viver como um proscrito durante todos aqueles anos. Ela não conseguia evitar admirar o desinteresse que ele tinha por aquilo que as outras pessoas pensavam dele. Atualmente, não era algo com que ela se deparasse com frequência. A formalidade concisa dele misturada com a indiferença tranquila e a boa aparência de se ficar de boca aberta deixavam-na insegura quanto ao que deveria dizer.

— Peço desculpa se dei a impressão de estar a rir-me. Eu estava, quer dizer, estou ansiosa para o conhecer. — Pigarreou. Subitamente apercebeu-se de que estavam a falar com um tom de voz baixo e íntimo. Ficou aliviada ao ver Victor aparecer com as ementas. — Posso pedir por si? — perguntou a Kam educadamente. Ela viu o brilho do olhar que ele lhe lançou de relance e soube que dera outro passo em falso.

— Qual das coisas pensa que é? Que eu não sei pedir sozinho, ou que não sei ler?

— Nenhuma das duas, claro. Estava a pensar no que insinuou anteriormente acerca das doses minúsculas. Prometo-lhe que não vou pedir meros aperitivos. O Emile Savaur sabe como alimentar um francês com fome. Ele e o Richard também são franceses e passam a vida com fome.

Tomou o silêncio dele e o ligeiro encolher de ombros como consentimento e pediu o *steak au poivre* para ambos.

— Então, o Ian incumbiu-a de me fazer sentir confortável para esta experiência dele — indagou Kam assim que Victor se afastou, aumentando a sensação de formigueiro no pescoço despido dela com a sua voz baixa e ressonante. Ela voltou a aperceber-se daquela sensação intensa na parte inferior da barriga e no sexo.

Pestanejou. O que é que se passava com ela? Toda esta experiência era bizarra. Era a aparência dele a Ian que estava a descontrolá-la. Há muito que ela se preparara para permanecer calma e profissional perto de Ian Noble... mesmo apesar de, no mais fundo do seu ser secreto, os seus sentimentos por Ian estarem longe de se manterem distantes. Mas, apesar de um certo par de amigos — nomeadamente Richard St. Claire — parecer ter adivinhado, e para grande inquietação dela, só ela sabia daquela verdade em particular. Lutou para ordenar os seus pensamentos errantes. Ter-se-ia defendido melhor se tivesse tido conhecimento do quão volátil aquela situação seria.

— É isso que lhe chama? Uma experiência? — perguntou ela frontalmente.

— Podia ter feito uma descrição mais precisa, mas não tenho a certeza se a Lin teria gostado.

Ela riu-se suavemente, olhando em volta quando Victor pousou um copo de clarete no balcão, à frente dela, juntamente com água com gelo. Agradeceu a Victor e deu um gole de vinho, olhando de lado para Kam, enquanto pousava o copo.

— Espero que não se tenha importado por o Ian ter sugerido que nos conhecêssemos. Que trabalhássemos juntos.

O olhar dele pousou devagar sobre o rosto dela, o pescoço e mais abaixo.

— Agora que já a vi, estou a começar a ficar mais animado com a ideia.

Ela soltou um riso abafado e abanou a cabeça, tentando voltar a libertar-se do feitiço. *Flirt*, já estava habituada. Mas quem é que pensaria que as subteis investidas sexuais do alegado «homem selvagem» da floresta francesa seriam tão apelativas? Quem é que pensaria que ela reagiria de uma forma tão básica a ele? Do modo como Francesca e Ian tinham descrito Kam, ela imaginava uma espécie qualquer de inadaptado social fabuloso. Era verdade que ele era rude e primitivo, mas dificilmente seria um iletrado.

E aqueles olhos transmitiam uma explosão minuciosa e poderosa de atração sexual.

Certamente que nunca houvera dúvida alguma quanto ao facto de Kam ser um génio. O que ele concretizara naquele laboratório subterrâneo improvisado, no Norte de França, era algo revolucionário. A questão que se colocava era se Kam se saíria razoavelmente bem com a sua invenção brilhante ou se semearia as sementes para criar um império. Ian acreditava na última hipótese. A preocupação dele era a possibilidade de Kam se alienar de cada oportunidade potencial financeira e de expansão ao subir na escala social.

— O Ian explicou-me que o Kam tinha dúvidas quanto à ideia de vender o seu relógio de *biofeedback* à indústria relojoeira de luxo. Ele achou que eu poderia ajudar a...

— A tornar toda esta coisa ridícula em algo mais apetecível? — sussurrou ele quando ela hesitou. Ela tentara escolher as palavras cuidadosamente. A verdade era que Ian falara com ela em confiança, tendo-lhe explicado que esperava que Lin conseguisse mitigar as dúvidas do irmão quanto à conveniência de vender o seu relógio médico revolucionário à indústria relojoeira topo de gama. Kam já vendera a sua patente a um dos gigantes farmacêuticos por milhões de dólares, assinando um contrato que incluía uma cláusula de exclusividade que o impedia de vender a outras empresas farmacêuticas. Mas não havia qualquer tipo de proibição em vender a indústrias dissemelhantes. Ian achava que um dos mecanismos sofisticados e pioneiros que Kam inventara — um relógio de *biofeedback* capaz de fazer tudo, desde dizer as horas, até enviar avisos de um ataque cardíaco iminente, ou indicar a uma mulher quando era provável que estivesse na altura da

ovulação — também seria um êxito esmagador no setor dos relógios de luxo. Por acaso, Lin e Lucien concordavam. Isso dar-lhe-ia o dinheiro de que ele precisava para, de futuro, fundar uma empresa inovadora. O problema era a atitude condescendente de Kam para com a indústria.

Para não dizer pior.

Se se juntasse o desprezo que Kam tinha em fechar negócio com uma das empresas relojoeiras de luxo aos seus modos descorteses, obtinha-se a receita para um desastre comercial. Esse fora o motivo por que Ian pedira a Lin para limar as arestas imperfeitas de Kam e o apresentasse, da melhor forma possível, aos compradores interessados que se reuniram em Chicago para uma série de jantares de negócios, apresentações e reuniões.

O problema era que, de acordo com Ian, muito provavelmente Kam sentir-se-ia insultado se soubesse que Ian enviara Lin para aperfeiçoar um homem que fora considerado um vadio intimidante.

— Porque é que acha ridícula a ideia de vender a sua invenção a uma empresa relojoeira de topo? — perguntou ela.

— Olhe para mim. Não estou interessado nesse mundo. Não quero saber de moda nem de sacanas ricos — respondeu friamente, olhando-a nos olhos. — É um desperdício. Pelo menos, nos negócios que realizei com as empresas farmacêuticas, partilhei da afinidade que temos com a ciência. Com a medicina.

Ela refletiu de um modo sombrio antes de responder.

— Faz sentido. O Kam tirou licenciaturas no Imperial College de Londres tanto nas áreas da biologia como das engenharias, e também da medicina. Recebeu uma bolsa de estudos altamente reputada para frequentar medicina lá. Compreendo como o mundo da moda luxuosa possa parecer inferior aos seus interesses académicos, mas... — Calou-se quando ele deu, bruscamente, uma gargalhada rouca.

— Também não sou nenhum académico. Nunca acabei o meu internato e não tenho licença para exercer. Não estou a ser elitista ao dizer que não quero trabalhar com a indústria da moda. — Bebeu uma golada de cerveja e voltou a pousar o copo sobre o balcão, produzindo um ruído surdo. — Só acho que esse tipo de negócios é uma perda de tempo, e não pretendo fazer nenhum trocadilho. Nem ofender ninguém — acrescentou timidamente, lançando um olhar de relance na direção dela.

— Não ofendeu — retorquiu Lin calmamente. — É claro que tem de se sentir confortável com um empreendimento comercial dessa envergadura. Acho que, provavelmente, está a menosprezar a esperteza e a genialidade de alguns dos líderes destas empresas. A relojoaria é uma arte antiga que também tem sido uma precursora nos avanços milagrosos na tecnologia.

— Não há absolutamente nada que aqueles engravatados me possam ensinar sobre relojoaria.

Ela concentrou-se nos seus modos desdenhosos mas, apesar de tudo, confiantes. Daquilo que ficara a saber sobre ele através de Ian, Kam não estava a fazer *bluff*. No que dizia respeito a dispositivos mecânicos e ritmos biológicos do corpo humano, Kam Reardon era um verdadeiro Da Vinci.

— Este empreendimento podia ser muito lucrativo para si — raciocinou ela.

Ele dirigiu-lhe um olhar cintilante, de lado, ficando os seus olhos com um ar caloroso ao passearem pelo rosto dela.

— Quão lucrativo?

— Cem vezes, possivelmente até duzentas vezes, mais do que o negócio que fez com a empresa farmacêutica pelo seu aparelho. O Ian acredita que a sua invenção merece ser recompensada ao máximo. Ele quer que o Kam tenha o máximo de segurança possível. Esta venda poderia dar-lhe ainda mais fundo de maneiio, uma base sólida para uma futura empresa.

Kam revirou os olhos e expirou, emitindo um sibilo.

— O Ian pensou em tudo, não foi? Só soube que somos irmãos há menos de um ano e já está a querer armar-se em irmão mais velho comigo.

Lin sorriu.

— Não sabia que ele era o mais velho de vocês os dois.

— Por um ano e meio. O Lucien é o mais velho de nós todos. É mais velho do que o Ian seis semanas — disse Kam. Ela reparou que ele estava a examinar o rosto dela com um olhar semicerrado. Instintivamente, percebeu que ele estava a imaginar se Ian lhe contara sobre as origens do seu legado comum.

— O Ian explicou-me que o Trevor Gaines era o pai biológico dele, do Lucien e seu — disse ela, sem hesitar.

— Ele também lhe contou que o nosso querido paizinho era um filho da puta marado dos cornos? — perguntou com um desembaraço chocante, antes de beber um trago de cerveja. Demasiado irreverente. Desta vez, ela sentiu uma pontinha de raiva na calma dele. Acertou na descrição de Trevor Gaines. O aristocrata francês fora um FDP doentio que se divertia a engravidar o maior número que conseguisse de mulheres, quer seduzindo-as e violando-as, ou por quaisquer outros meios repugnantes. Fora através desses métodos que engravidara as mães de Lucien, Ian e Kam em espaços de tempo próximos uns dos outros. Também houvera outras vítimas. Aquele conhecimento recentemente descoberto deixara Ian praticamente à beira da loucura quando soubera de tudo no ano anterior. Disto ela tinha a certeza: Kam referia-se ao pai com um ressentimento honesto.

— Ele contou-me — respondeu simplesmente.

A expressão tensa dele descontraiu ao ver que ela não tentara responder com trivialidades falsas em relação aos crimes inconcebíveis do homem que o criara.

— Tenho tido dificuldades em arranjar formas de gastar o dinheiro que ganhei com o negócio com a farmacêutica — disse ele, mudando de assunto. — O que é que hei de fazer com centenas de vezes mais do que essa quantia?

— Tanto o Ian como o Lucien parecem achar que o capital o ajudará a adquirir laboratórios e equipamentos mais avançados que o estimularão a alcançar patamares mais criativos de invenção. Haveria a possibilidade de o Kam criar uma empresa duradoura que revolucionaria os setores da relojoaria e do *biofeedback* clínico, já para não falar no dia a dia das pessoas. Poderia gerar milhares de empregos. O Ian confia imenso na sua genialidade, Kam. Mas, afinal de contas, se não consegue descobrir nada em que gastar o capital de mais uma venda, então esta conversa não faz sentido nenhum.

As narinas dele dilataram-se ligeiramente, enquanto se encaravam em silêncio. Ela sentiu que, apesar da teimosia e da circunspeção por parte dele, Kam estava a prestar-lhe atenção.

— Marquei reuniões com três representantes de empresas relojoeiras — disse Lin, recostando-se um pouco para que Victor pudesse dispor as taças da sopa de cebola fumegante e aromática de Emile à frente deles. — Posso dizer-lhe com toda a certeza que todos os meus contactos pensam que isto está longe de ser uma perda de tempo, como lhe chama. Estão extremamente interessados no seu produto. Na verdade, estão fascinados. Estão todos muito ansiosos para ver uma demonstração em primeira mão.

— E para me conhecerem — sussurrou Kam.

Ela olhou-o nos olhos calmamente.

— Sim, e para o conhecerem. Obrigada, Victor — disse ela quando o empregado do bar lhe estendeu um guardanapo de pano preto. Ele sabia que os brancos deixavam fios nas saias pretas dela. Ela ia a meio do processo de alisar o guardanapo sobre o seu colo quando olhou de relance para o lado.

O olhar atento de Kam estava fixo no colo dela. O olhar dele subiu velozmente para o rosto dela, como se tivesse reparado na quietude repentina de Lin. O ardor que lhe viu no olhar pareceu provocar um incêndio no corpo dela. Excitação borbulhou dentro dela e o poder da sua própria reação surpreendeu-a. Não podia negá-lo negar este ataque inesperado de luxúria.

O facto de ele se parecer tanto com Ian era o motivo pelo qual ela estava a ter aquela reação. Devia ser isso. O proibido tinha o poder de fazer uma pessoa sofrer com o desejo de coisas impossíveis. Sabe Deus que não havia tabu maior do que o seu patrão. Ian Noble era a única coisa que ela não

podia ter... jamais poderia ter. Mesmo que ele fosse o único homem que ela alguma vez amasse, estava fora do alcance dela, e agora mais do que nunca, desde que Francesca Arno entrara na vida dele.

Mas o irmão recentemente descoberto não era proibido, pensou Lin, enquanto o olhar atraente de olhos cinzentos de Kam descia até aos lábios dela e ela sentia os mamilos a endurecerem como que por magia. Não, Kam Reardon parecia estar quase tão disponível quanto ela queria que ele estivesse.



Capítulo

DOIS

Kam descolou o olhar da boca de Lin Soong com algum esforço. Ela não era nada do que ele esperara. Absolutamente nada. Ele sentira o aroma dela enquanto conversavam e o seu pau gostara ainda mais sinceramente do que o seu cérebro. Quando ela movera as mãos sobre o colo, fora como injetar um desejo lascivo no sangue dele. Como é que as mãos de uma mulher podiam ser tão sensuais? Vê-la a alisar o guardanapo de tecido de forma pedante sobre as coxas hipnotizou-o momentaneamente, já para não falar em como lhe deixara a boca seca. Não conseguiu evitar imaginá-la a tocar-se, enquanto estava totalmente nua, com aquelas mãos bem-feitas a deslizar sobre coxas flexíveis... entre elas. Ela tinha a pele mais imaculada que ele já vira. Tocara-lhe de propósito. Nunca fizera isso ao conhecer uma mulher... Sentira tanta vontade de lhe meter as mãos, que era quase como uma ordem.

Não precisou de adivinhar que a pele dela fluiria qual seda sob a sua mão reveladora e ávida. Ela não tinha uma constituição como as mulheres que ele costumava preferir: mulheres robustas, voluptuosas, que não se deixavam intimidar pelas exigências dele na cama. Não, ela tinha formas como as de uma elegante varinha de condão, com curvas firmes mas sensuais e uma delicadeza graciosa. Ferozmente feminina, foi algo que lhe veio à cabeça como uma descrição acertada. O estilo chique que ela tinha sem qualquer esforço desafiava o ato de descrever em qualquer língua que ele dominasse. Sob a saia estreita que vestia, as pernas dela eram longas e bem modeladas. Ele não reparara que era possível alguém ter uma cintura tão

fina. Se não fosse a flexibilidade dos movimentos dela e a força polida sugerida pelos músculos tonificados, ele teria medo de a desmanchar toda na cama.

Não que ela alguma vez fosse para a cama com ele. Aquilo era só o pau dele a falar, claro. De qualquer forma, Kam era um homem prático. Sabia que o jogo mudara desde que vira Lin a entrar no restaurante; só ainda não sabia que mudanças haveria.

Sentia-se fascinado até pelos gestos mais insignificantes dela. Ela era absolutamente perfeita vestida. Só conseguia imaginar o êxtase que seria provocado pelo seu corpo despido. Será que uma mulher tão elegante e sofisticada quanto Lin Soong ronronava na cama, ou sibilava e expunha aqueles dentinhos brancos?

Amaldiçoou mentalmente os seus pensamentos incontrolláveis, alcançando o pão quente e estaladiço que Victor colocara, dentro de um cesto, à frente deles.

Em que é que Ian estaria a pensar ao mandar-lhe uma mulher tão deslumbrante que era quase de outro mundo? Seria Lin Soong um engodo para ceder ao ponto de vista de Ian? Estaria Ian a tentar provar a Kam que a riqueza e o poder traziam benefícios que valiam indescritivelmente a pena? Não admirava que Ian se queixasse que todos os diretores-gerais e magnatas de negócios do planeta queriam roubar-lhe Lin Soong.

Kam apercebeu-se, demasiado tarde, de que amarfanhara o pão com as suas mãos rudes. Olhou para Lin como quem pedia desculpas. O rosto dela apresentou-se imóvel e calmo, enquanto olhava para ele com uns olhos escuros grandes. Contra a sua vontade, ele tentou imaginar qual seria a sensação de a ter a olhar para ele com aqueles olhos, enquanto tinha o pau albergado dentro dela, em erupção.

— Desculpe — balbuciou, pegando num pedaço de pão desfeito e deixando uma parte quase em migalhas no cesto.

— Não faz mal. — Ela alcançou o pão e arrancou um pedaço para ela, com aquelas mãos brancas hipnotizantes, praticamente tão poderosas quanto as dele tinham sido. Pareceu-lhe haver algo de sensual nos gestos dela, ao ver que ela não mostrara desdém pelo sítio em que os dedos dele tinham tocado... pelo toque dele. O sangue foi bombeado para o pénis dele. Ele mudou de posição na cadeira desconfortável, fazendo um esgar. Ela pegou na colher e, com uma expressão neutra, mergulhou a ponta do pão no caldo aromático. Incapaz de desviar o olhar, observou-a a inserir o cantinho do pão entre os lábios e a trincá-lo. O pau dele inchou e sofreu um espasmo. Ele reprimiu um desejo quase incontrollável de lhe morder a boca. Era pequena, mas os lábios rosa-escuro eram exuberantes e bem modelados.

As narinas dela dilataram-se ao de leve quando o olhou nos olhos e mastigou o pão, sendo a sua expressão uma mistura estranha de inocência tranquila e consciência absoluta daquilo em que ele estava a pensar.

O que era ridículo. Uma mulher daquelas ficaria ofendida com os pensamentos pornográficos dele.

Não ficaria?

— Quer que lhe explique o que planeei? — perguntou ela com uma voz baixa e melodiosa, depois de engolir e de arrancar outro pedaço de pão.

— Planeou para quê? Para cortejar um bando de tipos ricos que estabelecem símbolos de estatuto para outros tipos ricos que dizem alto e bom som ao resto de nós, serviçais, que não fazemos parte do clube deles? — perguntou ele, com um tom de voz intencionalmente severo, enquanto voltava a desviar a sua atenção, forçosamente, de Lin. Começou a comer mecanicamente, resmungando suavemente em jeito de reconhecimento ao sorver a primeira colher de sopa apetitosa. Lin tivera razão. O amigo dela sabia cozinhar.

— Quando muito, serão eles a cortejá-lo a si, Kam.

Ele olhou-a nos olhos assim que a ouviu dizer o seu nome.

— Vai lá estar?

Ela pestanejou.

— Nas reuniões? Claro. Pensava que sabia isso. O Ian pensou que eu podia ajudar. Não faz mal?

Ele encolheu os ombros.

— Não preciso de ajuda nenhuma. Mas voltar a vê-la torna tudo isto, no mínimo, interessante.

Os olhos dela arregalaram-se. Ele afetara-a. Aguardou, curioso quanto à forma como ela responderia.

— Pensei que preferiria instalar-se e passar algum tempo com o Ian e o Lucien durante os próximos dias. De qualquer forma, não vou estar na cidade. Portanto, daremos início a tudo na quinta-feira com dois representantes da Gersbach — começou Lin, de um modo abruptamente cheio de energia e profissional. Então, ela ia ignorar a abertura dele. — Queria que se encontrasse com eles primeiro, que eles preparassem o cenário para sabermos com o que vamos ter de lidar. Como provavelmente sabe, a Gersbach é a principal empresa relojoeira suíça. É uma empresa grande, mas continua a ser propriedade, a título particular, da família Gersbach. A família prefere fazer negócios cara a cara. O atual diretor-geral, Otto Gersbach, tem prosseguido com a tradição da família de se encontrar com potenciais parceiros de negócios, de fazer refeições com eles, de ficar realmente a conhecê-los pessoalmente.

— Estou admirado por ele não ficar ofendido com a ideia de me encontrar com a concorrência, já que valoriza tanto a realização de negócios a um nível pessoal. — Olhou de lado para Lin e reparou nas feições implacáveis dela. — Ah, já percebi. Ele não sabe — acrescentou sardonicamente.

— Não, não fui sincera com ele quanto a isso — respondeu ela de um modo imperturbável. Ela era mesmo espetacular. Observou-a a enfiar a colher prateada entre os lábios. O pescoço branco dela, revestido com pérolas, agitou-se ligeiramente quando ela engoliu. Ele gritou mentalmente consigo próprio para desviar o olhar. Ela era demasiado fantástica para o deixar tão excitado. O desequilíbrio deixou-o irritado. De repente, a ideia de passar as suas mãos ásperas por todo o corpo macio dela... de fazer deslizar o seu grande pau dorido para o interior da rata húmida dela, pareceu-lhe tão provável quanto um verão calmante na Antártida no ano seguinte.

Ainda assim, não era proibido sonhar. Não tinha outra hipótese, quando as fantasias eram tão excitantes quanto as que Lin inspirava.

— Mas é provável que o Otto suspeite que tem concorrência em relação ao seu produto — continuou ela. — Ele não é nenhum tolo.

Ele parou de comer quando ela pousou a colher, se virou para a cadeira ao lado dela e pegou na sua pasta fina de cabedal. Levantou-a para o seu colo e tirou algo de dentro do bolso, com gestos precisos e graciosos. Ele fixou o olhar na fotografia a preto e branco de um homem em boa forma, com cinquenta e muitos anos e cabelo grisalho. Estava sentado a uma mesa coberta de papéis e tinha os lábios finos abertos, como se tivesse sido fotografado enquanto falava.

— Otto Gersbach — disse Lin. Colocou outra fotografia em cima da de Otto. Esta era de uma loura atraente, cheia de curvas, vestida de fato, a atravessar o que parecia ser um enorme átrio. — E a filha dele, Brigit. Ela também estará lá amanhã à noite.

— Onde é que o Ian foi buscar a Lin? À CIA? Isto parecem ser fotografias de vigilância — disse ele, tanto divertido como enojado. Ele gostava de Ian e respeitava a forma de pensar dele, mas Kam dava demasiado valor à sua privacidade e liberdade para perdoar atos de espionagem. Era só mais um motivo para se movimentar com muito cuidado no mundo carnívoro das altas finanças e dos negócios.

— O Ian dá valor à preparação — respondeu Lin, com um tom neutro, interrompendo os pensamentos dele. — Ele gosta de saber o máximo de pormenores que conseguir antes de ir para uma reunião.

— E a Lin ajuda-o a fazer isso — sussurrou Kam, com o olhar semicerrado a percorrer o rosto assombroso de Lin. Que tipo de relação seria a de Ian e Lin? Ele já estivera com a mulher de Ian, Francesca, em várias ocasiões

e gostara muito dela. Ele sabia que Ian era doido por ela. Tendo Francesca no seu mundo, parecia que, para ele, não existiam mais mulheres. O facto de Francesca ir dar à luz o bebé de Ian nesse inverno fortalecia a ideia de Kam de que Lin e Ian, definitivamente, não estavam envolvidos de uma forma romântica. Mas então, e antes de Francesca aparecer? De certeza que o seu meio-irmão não teria negado a si próprio aquela beleza requintada que obedecia eficazmente a todas as suas exigências.

Ao pensar naquilo, deixou cair a colher no prato, produzindo um som agudo bem alto.

— Até onde iria em nome dos serviços que presta ao Ian? — rosnou ele baixinho.

— O que quer dizer com isso? — perguntou ela, com a sua expressão tranquila a desmanchar-se ao de leve. — Está a sugerir que seria capaz de cometer algum tipo de ilegalidade pelo meu emprego?

Ele arrancou um pedaço de pão e lançou um olhar penetrante às fotografias.

— Essas fotografias foram tiradas pelo circuito de segurança da Noble Enterprises, em espaços públicos. Não têm nada de ilegal — defendeu ela.

— Quantas fotos minhas examinou antes de entrar aqui esta noite? — indagou Kam, antes de devorar várias colheres de sopa.

— Nenhuma, se quer saber — respondeu ela, e ele ficou contente por lhe ouvir irritação na voz. Era bom saber que, sob aquele rosto e aquele corpo perfeitos, havia alguma paixão.

— Mas disse que me reconheceria em qualquer sítio.

— Só porque é muito parecido com o Ian — deixou escapar acaloradamente. Ele olhou-a nos olhos, um pouco chocado com a explosão dela. Ela inspirou devagar, parecendo tentar acalmar-se, e Kam percebeu que ela também ficara chocada. — Acredite em mim, nunca vi fotografias nenhuma das suas. Se tivesse visto... — Calou-se e desviou o olhar. — Porque é que não me conta o que realmente o deixou tão melindrado?

Ele soltou uma gargalhada rouca e empurrou o prato da sopa para a frente.

— Quer que lhe conte toda a história da minha vida?

— Não, só o motivo para estar tão determinado a não gostar de mim — retorquiu ela sem hesitar.

O olhar dele caiu do pescoço branco para a pele exposta da parte superior do peito dela, acima do decote da camisola justa de malha que ela trazia. A peça de roupa era simples e elegante, mas incluía uns folhos de renda em torno dos pulsos, que ele achou sensual; uma cedência à feminilidade dela. Os seios pareciam encher a palma da mão dele na perfeição, não sendo demasiado grandes, nem demasiado pequenos. Estendiam-se

eroticamente a partir do plano do peito dela, de forma atrevida, firme, aparentemente macios. Erguiam-se quando ela inspirava. Ele fitou o olhar sobressaltado dela.

Não gostar dela? O que lhe teria dado aquela impressão?

Talvez seja por saberes que uma mulher como ela jamais te daria tempo algum do dia dela, se não fosse por estas circunstâncias únicas. E tu estás a jogar à defesa contra a consciência que tens disso.

— Eu gosto muito de si — respondeu ele honestamente, ignorando a voz na sua cabeça e recusando-se a censurar o entusiasmo evidente no seu tom.

Os lábios exuberantes e naturais de Lin tremeram ligeiramente. Ele não conseguia desviar o olhar deles. Não havia dúvida que ela tinha a boca mais sensual que ele já vira. Inclinou-se para a frente sem pensar, um homem que sentira o sabor e estava determinado a não o perder.

— O que quer dizer com isso? E se tivesse *realmente* visto uma fotografia minha? — interrogou ele calmamente, estando os rostos de ambos separados por apenas alguns centímetros.

— Estaria mais bem preparada.

— Demasiado tarde — retorquiu ele sucintamente. Aproximou-se ainda mais dela, sendo atraído pelos seus olhos...

Ela pestanejou e recuou. Victor chegara com as entradas. O empregado de bar estremeceu quando viu o semblante furioso de Kam, por ter interrompido um momento tão crucial.

Ele conseguiu perceber que Lin estava nervosa quando ela pediu outro copo de vinho a Victor e engoliu um pouco de água com gelo. Sentindo-se de algum modo culpado por avançar de uma maneira tão intensa, deixou-a falar de negócios enquanto comiam o bife. Uma vez mais, ela tivera razão. A refeição estava deliciosa e mais do que satisfatória. Tal como ouvir a voz suave dela e observá-la.

Ela comeu com uma combinação de elegância e fome genuína que o deixou fascinado. A certa altura, perguntou-se se ela estaria a examinar os modos dele à mesa, determinando se ele faria, ou não, figura de parvo com as mãos ou se usaria o garfo errado num daqueles jantares de negócios enfadonhos. No entanto, estava a ser muito difícil interpretar o rosto dela, apesar de ser algo maravilhoso de se contemplar. Ele reparou que estava a esforçar-se seriamente para regressar aos anos que passara na Faculdade de Medicina, em Londres, numa tentativa de parecer mais civilizado e requintado. Foi invadido pela irritação.

Lin fora mandada ali para o deixar mais confortável no negócio a que se propusera, não para julgar os seus modos grosseiros. Lembrou-se a si próprio de que não se adaptara à sociedade elegante devido à insistência

hipócrita do seu pai biológico, apesar das súplicas da sua mãe para que o fizesse. Também não mudara por nenhuma mulher. A experiência que tivera com Diana provara-o. Ele não podia mudar quem era.

Não o faria.

— Fiquei a saber pelo Ian que gosta de arte — disse Lin, depois de ambos terem terminado de comer e demorando-se agora a acabar as suas bebidas.

— Gosto de olhar para ela. Para alguma, quero dizer — admitiu ele, bruscamente. — Não sou nenhum apreciador como o Ian ou os avós dele. Não se entusiasme.

— Não importa. Os Gersbach também não são peritos, são só apreciadores amadores.

— Então, pensou que essa exposição de arte da Francesca, no hotel novo do Lucien, seria um desbloqueador de conversas para a reunião com os Gersbach? Que nos forneceria um tema de conversa para o jantar que não fosse o tempo e tudo o resto que não temos em comum? — Ele abanou a cabeça.

— O que foi? — perguntou ela, ficando com a testa enrugada devido à desorientação.

— A Lin pensa em tudo, não pensa? — perguntou.

— Gosto de ter tudo o que posso sob controlo. Há sempre muitos elementos que não posso controlar — disse, dirigindo-lhe um pequeno sorriso e um olhar significativo. — Por isso, seria uma parvoíce da minha parte não tratar muito bem de tudo o que posso.

— Elementos como eu, por exemplo? — perguntou ele.

— Eu seria mesmo tola se pensasse que seria capaz de o controlar — sussurrou, olhando-o nos olhos. Por alguns segundos, Kam esqueceu-se do que estavam a falar. Ela pigarreou e desviou o olhar.

— Quer saber mais alguma coisa sobre o jantar de amanhã à noite?

— Já me forneceu os perfis psicológicos do Otto e da Brigit, incluindo os pormenores mais sórdidos, como o facto de o Otto ser um conservador fanático por controlo, enquanto que a Brigit é um pouco descontrolada no que diz respeito ao amor por homens e uísque, algo que deixa o Otto furioso. Já conheço a história deles, os passatempos, as políticas, as comidas preferidas e os sítios para onde gostam de ir de férias — disse ele secamente. Na verdade, ele estava impressionado. Ela era tudo o que ficara à espera depois do que Ian dissera sobre ela. Ficou com a impressão de que o cérebro de Lin Soong era como um enorme armazém, cheio de ficheiros guardados de um modo organizado e meticoloso. A única coisa que ela tinha de fazer era abrir uma gaveta imaginária para ter todas as informações que pretendia nas pontas dos dedos.

— Fico surpreso por não me ter dito exatamente de que é que eles gostam na cama — acrescentou, acicatando-a um pouco.

As sobrancelhas escuras dela elevaram-se de divertimento. A expressão dela costumava ser controlada, mas os seus olhos grandes eram irresistivelmente expressivos.

— Isso é algo que não sei — respondeu com um tom uniforme.

— Então e as preferências do Ian nessa área? — espicçou-a. — Está familiarizada com elas?

O olhar dela deslocou-se rapidamente ao encontro do dele perante a impertinência; o branco dos olhos dela contrastava surpreendentemente com o castanho-escuro das íris. — Claro que não.

— Ainda bem — disse Kam, incapaz de evitar um sorriso satisfeito de cumplicidade. Ela abanou a cabeça. Ficou com um ar incrédulo perante a audácia dele... e ligeiramente atordoada.

— Presunçoso — disse ela num tom baixo.

Ele envolveu o pulso dela com a mão, fazendo deslizar o polegar pela pele quente, por baixo de um folho de renda. Se havia coisa que ele sabia era como interpretar o corpo de uma mulher. Até o seu próprio bater cardíaco aumentou quando sentiu a pulsação célere e forte no pulso dela. Logicamente, ele sabia o que aquilo significava, mas, mesmo assim, o cérebro duvidava.

— Realista. Negar para quê? — disse ele com muito mais confiança do que a que sentia.

Apercebeu-se de um desejo ávido irracional de fazer com que Lin Soong perdesse o controlo, de fazer derreter o exterior calmo dela, de provar que, sob aqueles modos frontais e eficientes, ela ficava excitada e servil com o toque dele.

Ele viu a convulsão da garganta dela quando engoliu. Ela torceu o pulso e fez deslizar a mão, libertando-a e roçando as pontas dos dedos na palma da mão dele.

— Exatamente! — disse ela tão baixinho que, por um segundo, ele perguntou-se se teria ouvido bem. Aquela palavra e aquela carícia sussurrada contra a pele calosa dele levantou-lhe os pelos dos antebraços. Parte dele continuava a duvidar do que estava a acontecer, não acreditando de todo que uma mulher como Lin alguma vez o desejasse, até ela rodear o polegar grosso dele com os seus dedos elegantes e o apertar.

Por um qualquer motivo dos diabos, foi a carícia mais erótica que alguma vez experimentara. O pénis dele inchou dolorosamente.

Ela olhou para o copo meio-cheio dele. — Podíamos ficar aqui a acabarmos as nossas bebidas — disse ela, enfeitando-o com os seus olhos brilhantes. — Ou podíamos ir para minha casa.

As sobrancelhas dele elevaram-se com uma incredulidade irônica. — É uma boa cerveja, mas a sério? Em comparação com a opção número dois?

Ela riu suavemente. — Fico contente por concordarmos pelo menos nisso — sussurrou ela. Olhou-o nos olhos com franqueza. — Provavelmente isto não é boa ideia — disse ela baixinho, e ele sentiu a ansiedade dela entrelaçada em desejo sexual.

Kam examinou o traço sublime do queixo e a curva da boca dela.

— Talvez. Mas, neste momento, é a única ideia na minha cabeça — admitiu ele bruscamente. Por um instante, ela ficou só a olhar para ele. Depois acenou uma vez — combinado —, fazendo-o lembrar de uma mulher que acabara de tomar uma decisão quanto a um negócio e que já não voltaria atrás. O pico de irritação que ele sentiu não foi suficiente para diminuir o enorme interesse que sentia, e muito menos para sequer fazer com que a sua excitação vacilasse. Na periferia da sua consciência viu Victor a pousar a conta no balcão. A mão dele esgueirou-se e agarrou no portefólio de couro, vencendo Lin por uma unha negra.

— Permita-me. O Ian insistiria — disse ela, de um modo ansioso, enquanto ele puxava o portefólio para fora do alcance dela.

— O Ian não está aqui. Estou eu.

Uma vez que ela não ripostou, ele alcançou a sua carteira com uma sensação de pura satisfação. Ela não fora muito submissa nisto.

Mas já era alguma coisa.

Lin destrancou a porta de entrada e manteve-a aberta para ele entrar. Ele não tentara tocar-lhe durante a viagem nebulosa de táxi pela cidade.

Não falaram, limitando-se a ficar ali sentados, em silêncio, à medida que a tensão e a expectativa iam aumentando até se tornar praticamente insuportável para ela.

Lin reparou, confusa, que ele era ligeiramente mais alto do que Ian. Ian fora várias vezes a casa dela ao longo dos anos para lá ir deixar alguma coisa ou para ir a algum jantar de trabalho, tanto enquanto o apartamento daquele condomínio pertencera à avó dela como depois de esta morrer. Ela sabia exatamente onde a cabeça escura do seu patrão batia no caixilho da porta e achou que a de Kam ultrapassara essa marca imaginária por um milímetro.

Ele olhou-a nos olhos ao passar a soleira. A mente dela parecia enevoadada por um copo e meio de vinho e por um acesso inesperado e potente de desejo sexual.

Não conseguia acreditar que estava a fazer aquilo.

Viu as narinas dele dilatarem-se ao de leve quando ele se aproximou; um majestoso caminhar predador. Ela foi atravessada por um arrepio de excitação ao adivinhar o que ele estava prestes a fazer: abateu-se sobre ela e capturou-lhe a boca com a sua. Lábios firmes quentes moveram-se sobre os dela, não necessariamente de um modo forçoso, mas com uma fome nada apologética, dando a sua própria forma à carne dela, estudando-a, apropriando-se dela. Colocou uma mão no queixo dela e penetrou-lhe os lábios. Ela ficou sem fôlego com o impacto do sabor e do calor dele.

— Tive vontade de te fazer isto desde o momento em que pousei os olhos em ti — disse ele, toscamente, junto aos lábios dela um instante depois. — A tua boca é francamente obscena. — Puxou-a para perto dele para poder fechar a porta. Fechou-a e trancou-a, sem nunca desviar o olhar penetrante do rosto dela. O sexo dela contraiu-se com força perante a sensação do corpo grande, esguio e sólido dele pressionado contra o seu.

— Usa já essa boca — exigiu ele com uma voz rouca. — Usa-a para dizeres que me queres.

— Precisas mesmo que te diga isso? — perguntou ela, experimentando tocar-lhe no rosto. Gostou tanto da sensação abrasiva da barba rarefeita nas pontas dos seus dedos que estendeu a outra mão ao longo do maxilar dele.

— Acho que ajudaria a tornar toda esta noite um pouco mais credível — murmurou ele entre dentes, inclinando-se para baixo e apertando-lhe os lábios com os seus. Ela juntou-se a ele num beijo praticamente comedido e escaldante.

— Vá lá — disse ele com uma voz áspera, passado um momento de inebriação mental.

— Eu quero-te. Devo querer, para estar a fazer uma loucura tão grande — sussurrou Lin, olhando-o nos olhos e arqueando as costas, esfregando os seios contra as costelas dele. Ele rosnou de forma apreciativa e baixou a cabeça, apoderando-se vorazmente do lábio inferior dela com os seus dentes arranhadores. Uma mão elevou-se e envolveu o seio esquerdo dela, apertando-o firmemente, moldando a carne dela à sua, testando-lhe a textura. Ela gemeu enquanto um calor líquido a percorria precipitadamente; a intensidade da sua excitação surgiu como um novo motivo de espanto. O gemido dele soou igualmente apreciativo.

Nunca nenhum homem a arrebatara para os seus braços. De certo modo, o facto de Kam o fazer sem sequer pestanejar não a deixou minimamente surpreendida.

Sem saber, ele estava a afagar um ponto pequeno e delicado do ser dela sem sequer tentar. Ela desejava-o quase tanto quanto o ar que respirava. Desejava-o o suficiente para renunciar ao típico controlo rígido que cos-

tumava ter. Aquela tipo de desejo não deixava espaço para muito, quanto mais para pensamentos racionais.

Ele olhou-a nos olhos enquanto a levava pelo corredor escuro.

— Ali — disse ela, sem fôlego, acenando para a suite.

Ele pontapeou a porta parcialmente aberta ao de leve para a abrir mais. Ela ergueu o olhar para ele quando ele a pousou aos pés da cama, com uma combinação arrebatadora de luxúria, circunspeção, ansiedade e excitação elétrica a começar a fervilhar no sangue dela.

Ele não conseguia desviar o olhar do rosto dela. Mais tarde aperceber-se-ia de que, se lhe perguntassem como era o apartamento dela uma hora depois de lá ter estado, não seria capaz de fazer sequer uma descrição superficial. Era o quão concentrado ele estava em Lin Soong. Aquela boca de cereja exuberante estava ali só para ele lhe tocar, para a lambar... a assolar, a pele macia para ele acariciar e beijar, os doces seios salientes para se afogar neles, para os aliciar a reagirem com a boca, os lábios e a língua dele... durante algum tempo, pelo menos.

Sem dizer nada, começou a despi-la, tirando-lhe o casaco com um gesto largo e atirando-o descuidadamente para cima de uma cadeira, levantando a camisola fina pelos ombros e pela cabeça dela e largando-a em cima do colchão. Os gestos dele deixaram o cabelo dela ainda mais despenteado. Remexeu com os dedos no volume apanhado na parte de trás da cabeça dela, encontrando três ganchos compridos de madeira e removendo-os. Atirou-os. Os ganchos voaram vários metros até aterrarem, produzindo uns pequenos sons agudos sobre a mesinha de cabeceira ao reboarem e pararem. Ele nunca desviou o olhar dela. Um volume de cabelo cor da noite ciciou à volta dos ombros brancos dela. Ele agarrou-o com ambas as mãos, enterrando os dedos nos caracóis. De um modo delicado, dispôs o cabelo à volta das costas e da parte de cima dos braços dela.

— Nunca vi uma mulher asiática com cabelo encaracolado. É lindo — sussurrou ele, distraído pela sensação do cabelo a enrolar-se em torno dos seus dedos. O cabelo dela era mais leve do que ele teria pensado, tendo em conta o volume na parte de trás da cabeça, mas ela tinha toneladas dele. A fragrância das madeixas soltas alcançou o nariz de Kam: frutos e flores, almiscarado e sensual. Escorria-lhe suavemente pelos dedos calosos, dando uma sensação de seda e ar misturados.

— Não é muito comum. A humidade deixa-o pior — disse ela com a voz tomada, fitando-o com um olhar sério de olhos escuros.

O maxilar dele contraiu-se quando alcançou o sutiã, com uma antecipaçaõ lancinante. Ele conseguia perceber pela forma sob o sutiã justo que

ela era maravilhosa. Depois de lho tirar, ficou simplesmente a olhar durante um instante, com a luxúria e algo contundente a apertar-lhe a garganta e a pila. Quando, por fim, o ar se evadiu dos pulmões, fê-lo com um gemido rouco e incontrolável.

— Lin — disse enquanto abria as mãos ao longo do peito dela, sentindo as linhas delicadas do seu porte, o coração dela a bater depressa, a suavidade e o calor. Desceu, envolvendo a cintura dela. Tivera razão. Quase conseguia contorná-la por completo apenas com as mãos. Empurrou-a mais para dentro da cama e desceu sobre ela. As bocas deles fundiram-se, quentes e vorazes desde o princípio. Anteriormente, ele reparara que, apesar de ser esguia e ter traços fisionómicos pequenos, ela era alta para uma mulher.

Assentavam na perfeição um no outro. Ele pousou uma anca sobre a cama, mas ela curvou-se contra ele qual gatinho à procura de calor, aconchegando o pénis dorido dele entre as coxas dela. A confirmação do regresso do ardor dela excitou-o ainda mais.

Ele rebolou para cima dela, pressionando-a contra o colchão e devorando a boca dela, repentinamente demasiado faminto para ser educado.

— Oh, céus — sussurrou ela quando ele levantou a cabeça um instante depois e se fletiu, ficando com o pau retesado pressionado contra a junção das coxas dela. Ela rodou as ancas e ele perdeu a cabeça. Os lábios dele encontraram a face e a orelha dela. Beijou-lhe a abertura e ela contorceu-se sob ele, ficando sem fôlego. Mordeu-lhe na parte exterior e meteu o lóbulo da orelha dela na boca, banhando tanto a pele como a pérola macia inserida na carne, lambendo o contraste succulento de dureza macia e suavidade delicada. A sensação do corpo lustroso de Lin a contorcer-se por baixo dele quase o fez descontrolar-se. Só o desejo resoluto de a saborear mais é que o impediu de se impelir para dentro dela naquele preciso instante, de descobrir em primeira mão se ela era tão macia e quente por dentro como era à superfície.

Ela tinha um pescoço perfumado e os gemidos encurralados dela contra os lábios e os dentes dele que a arranhavam eram deliciosos. Ela ergueu a cabeça, numa tentativa de voltar a encontrar a boca dele. As mãos dela moveram-se freneticamente pelas costas dele, levantando-lhe o casaco leve e o tecido da camisa. Kam levantou a cabeça e sibilou quando as unhas dela lhe arranharam a pele exposta e um calafrio de uma sensação aguda o percorreu.

Por breves momentos os olhares de ambos encontraram-se, quando ele mudou de posição em cima dela, unindo-lhe as mãos. Agarrou-lhe nos pulsos e pressionou-os contra a almofada que estava acima da cabeça dela. Esperou dois segundos... três, mas ela não protestou por estar presa.

Em vez disso, arqueou as costas em jeito de oferenda.

Um intenso desejo sexual trespassou-o, incontestável. Selvagem. Ela fora além das expectativas dele. Os seios eram de uma beleza de fazer crescer água na boca. Tinham a firmeza de seios pequenos, mas não eram pequenos. Eram carnudos e maduros e a forma como se destacavam para fora do peito estreito e delicado deixava-o doido. Transferiu os pulsos dela para uma das suas mãos e usou a outra para moldar um seio, torneando a carne delicada e extremamente firme.

— *C'est si bon* — murmurou entre dentes antes de descer. A pele dela era perfeita, tão transparente que ele conseguia ver as delicadas veias azuis. Fez deslizar a ponta do clítoris por entre os lábios e banhou a pele dura e irregular contra a sua língua, saboreando os gemidos de prazer dela, ficando inebriado com a suavidade e o aroma dela, com a sua recetividade. Quando a sugou de forma mais enérgica, ela corcoveou as ancas e gemeu a sua aprovação. A passarinha dela esfregou-se contra a forte ereção dele, fazendo-lhe sinal... provocando-o.

Ele rosou com um controlo mal dominado e agarrou-lhe os pulsos com mais força. Mudou para o outro doce seio dela, mantendo-a imóvel para a sua boca voraz, envolvendo o peito dela com uma mão e pressionando-lhe os pulsos contra a almofada. Depois de ter sugado e banhado o mamilo dela, até este ficar duro e esticado, e de os gritos desesperados lhe indicarem o quão sensível se tornara a pele dela, passou a boca para os lados das costelas agitadas.

— Por favor... Kam — sussurrou Lin freneticamente quando ele abriu a boca e lhe arranhou a pele sobre as costelas. Ela foi percorrida por um arpejo, delicado e delicioso como tudo o resto nela. A língua dele percorreu-lhe a pele, sentindo os ligeiros inchaços que as carícias tinham erguido. Ele libertou o tronco dela — a forma como era capaz de lhe segurar grande parte do corpo trémulo com apenas uma mão excitava-o — e passou a mão sobre a elevação entre as coxas dela. Lin abriu as pernas imediatamente e ele olhou para o seu rosto. As faces dela estavam coradas, a boca cor-de-rosa entreaberta em jeito de convite enquanto arfava superficialmente.

Foda-se.

Tanto foi um palavrão como uma ordem para a parte primitiva do seu cérebro.

— Já queres, *ma petite minette*? Queres depressa e com força? — murmurou ele rudemente entre dentes cerrados.

— Por favor — repetiu ela, desta vez silenciosamente.

Ele desmoronou sobre ela, saqueando-lhe a boca. Tão doce. Tão recetiva. A mão dele moveu-se, puxando-lhe a beira da saia para cima, tocando ao de leve com os dedos nas coxas macias e em forma, parcialmente

cobertas por um material fresco, suave e justo. A excitação trespassou-o e ele levantou a cabeça, olhando atentamente para baixo. *Jesus*. Ela usava uma espécie de meias de ligas de renda que eram quase tão pálidas e macias quanto a pele dela. A pila dele deu um abanão perante a imagem dela. Supostamente, os homens franceses estavam habituados a mulheres com lingerie luxuosa, mas as mulheres com quem Kam ia para a cama não costumavam ser do tipo de usar tais acessórios requintados, femininos e com folhos, nem do tipo de poder comprá-los, aliás.

Enfeitiçado, passou a mão sobre a elevação dela coberta por seda. Sentiu o calor dela e puxou as cuecas encantadoras para baixo bruscamente. Assim que lhe tocou, um gemido rasgou-lhe a garganta. Ela também era tão macia ali. Quente, lisinha e macia. Mergulhou a ponta do dedo indicador entre lábios depilados. O desejo suavizara e deixara a sua carne mais succulenta. Ele baixou-se e devorou os gemidos de excitação. Ela agarrou-se a ele e contorceu-se quando ele inseriu um dedo na vagina apertada.

Ele ergueu a cabeça, com uma respiração irregular, enquanto a estimulava, e olhou-a nos olhos. Uma pulsação primitiva latejava-lhe no pau inchado, exigindo que ele agisse. Ela ia espremê-lo até ele deixar de saber o seu próprio nome. Ia atormentá-lo até ele se tornar num selvagem extático e no cio. Algo o atingiu que nem um murro no estômago.

— Não tenho preservativo — resmungou entre dentes, com a dura realidade a penetrar-lhe o desejo enfurecido. Levava sempre preservativos quando planeava estar com uma mulher, mas não fazia parte da sua rotina diária andar com um por todo o lado. Estava habituado a viver isolado no campo.

Nada daquilo — desde a cidade reluzente até às roupas novas e àquela mulher deslumbrante por baixo dele, que tanto fora o que ele esperara como drasticamente diferente — lembrava o seu típico estilo de vida.

Ela elevou um pouco a cabeça e olhou de relance para a mesinha de cabeceira, para onde ele atirara os ganchos do cabelo. — Ali — disse ela.

Apanhado pela decisão de continuar a prender-lhe os pulsos ou tirar a mão da rata escorregadia, largou-lhe os pulsos e esticou-se na direção da mesinha, abrindo a pequena gaveta rapidamente. A mão dele moveu-se sobre os itens com um desespero cego.

— *Merde* — resmungou baixinho, obrigado a retirar a mão do paraíso, de modo a, eventualmente, obter arroubos ainda mais sublimes. Moveu-se rapidamente sobre a cama, espreitando para dentro da gaveta. Empurrou um pequeno frasco de creme para o lado, um frasquinho de emoliente para os lábios, um par de fitas elásticas para o cabelo, algumas canetas e o que pareciam ser várias flores de lótus roxas cuidadosamente secas e prensadas dentro de um saquinho de plástico. Finalmente, descortinou uma caixa de

preservativos ainda por abrir.

Por baixo dele, a palma da mão dela envolveu-lhe o pénis. Ela fez deslizar a mão ao longo do mastro, como se estivesse a testar-lhe o peso. Ele emitiu um som sibilante e cerrou os olhos, enquanto ela fechava os dedos em torno dele; o toque dela estrondeou por todo o seu corpo mesmo através da roupa. Ele sentiu-se enorme na mão pequena que o afagava; pesado... dorido.

Rosnou e alcançou a mão ofensiva. A mão encantadora.

— Se não parares com isso, daqui a nada venho-me nas calças — disse ele de um modo áspero. Concentrou-se no rosto dela com esforço. — Volta a meter a mão por cima da tua cabeça e deixa-a lá, *mon petit chaton*. Não vou explodir em mais lado nenhum a não ser bem dentro de ti.

Lin tentou controlar a respiração irregular enquanto seguia as instruções dele e colocava as mãos acima da cabeça, pousando-as na almofada. Falhou. Ofegante, observou-o enquanto ele despiu o casaco e a camisa. Havia uma grande quantidade de pelo escuro no peito dele, mas este não ocultava a pele macia e os músculos fletidos. Kam sentou-se sobre a anca na cama e desapertou as calças de ganga. Ela segurara no pénis dele com a mão, sentira-lhe o peso e o calor que latejava contra o sexo dela.

O coração disparou no peito dela, assim que a adrenalina jorrou para as suas veias.

Sem cerimónias, ele fez descer as calças de ganga rapidamente ao longo das ancas e das coxas musculadas salpicadas por pelos, fletindo o abdómen provocador e os bíceps com força. Os dedos dele prenderam-se no cós dos seus *boxers* quais ganchos e puxaram-nos para a frente, por cima dos seus órgãos genitais protuberantes. Puxou-os bruscamente para baixo.

A sua pila nua sacudiu-se subitamente para cima da sua barriga; inchada por desejo, flagrante... indescritivelmente bonita.

Os lábios dela entreabriram-se. O fôlego dela estagnou.

Ele rasgou a embalagem do preservativo para a abrir e começou a desenrolar o preservativo ao longo da sua ereção. Ela inclinou-se um pouco para cima para o ver melhor, usando os cotovelos para se apoiar; curiosa... ávida. A cabeça era de uma suculência de que ela não conseguia descolar o olhar, uma coroa firme, corada e notavelmente delineada daquele mastro longo e grosso. Ele praguejou quando o preservativo acabou a vários centímetros dos testículos coberto de pelo escuro.

O preservativo não era suficientemente longo.

— Está bem assim? — perguntou ele asperamente, erguendo o olhar na direção dela.

Ela anuiu, incapaz de falar. Era como se um qualquer deus pagão da

virilidade tivesse aterrado na cama dela, tendo ela até então visto somente meros mortais.

Ele resmungou suavemente perante a autorização dela. — Põe as mãos para trás — incitou docemente. Enquanto Lin seguia as instruções dele, ele levantou a saia dela até à cintura. Rebolou para o interior das pernas dela e ela abriu as coxas para o acomodar. Lin mordeu o lábio, a expectativa trespassando-a de dentro para fora, quando ele desceu sobre ela, suportando o corpo dele com uma mão sobre o colchão. A outra mão dele capturou o seu pau suspenso.

Ela expirou o ar que mantivera cativo nos pulmões assim que ele usou a cabeça protuberante do seu pênis para a esfregar entre os lábios genitais, molhando a ponta com os fluidos dela e estimulando-lhe o clítoris. Ela gemeu e observou-o, enquanto ele olhava fixamente para entre as coxas dela, movendo o pau e encontrando a racha dela sem falhar.

— Oh — balbuciou ela, com o choque e a excitação a temperarem-lhe o tom quando ele se fletiu com firmeza, manobrando a cabeça carnuda do seu pau para dentro dela. Ele deteve-se, erguendo o olhar para ela, com o maxilar contraído.

— Estás apertada. Tenta descontraír — disse Kam com um tom arrastado. — Afasta ainda mais as coxas e dobra os joelhos um bocadinho.

Ela gemeu depois de seguir as instruções dele e os músculos dele contraíram-se, empurrando o seu pênis ainda mais para dentro dela. Ele fitou o rosto dela fixamente enquanto começava a fletir as ancas, de forma delicada, serrando com a extremidade do pau dele, para trás e para a frente, dentro da racha dela.

— Assim mesmo — balbuciou entre dentes cerrados, adulando... excitando-a com o seu tom de voz baixo e rouco. — Tens uma ratinha apertadinha, mas vais deixar-me entrar, não vais?

— Sim — sibilou ela ao mesmo tempo que fletia as ancas para cima, com determinação. A passarinha dela esticou-se em torno do perímetro dele, a suavidade dela submetendo-se ao mastro palpitante e duro.

Ele emitiu um som abafado, parecido com *archg*, assim que a carne dele se fundiu devagar com a dela.

Tê-lo dentro dela tanto foi desconfortável como arrebatadoramente excitante. Ela cerrou os dentes e fletiu as ancas para cima e para baixo, afangando-o, desesperada por ser preenchida. Por completo. Kam libertou um som áspero da sua garganta e usou a sua mão para imobilizar Lin.

Olhou-a nos olhos, com os dentes expostos num esgar, enquanto a mantinha quieta e se enterrava nela até aos tomates. Ela ficou de boca aberta e um grito trémulo de descrença escapou-se-lhe da garganta. Ele pressionou-se ainda mais, esmagando os tomates contra o sexo dela, esmerilando.

Ela nunca fora tão inundada, tão preenchida. A pressão indireta sobre o clítoris dela era terrível.

Uma camada fina de suor brilhou no torso arestado e nu dele, enquanto se mantinha imóvel com um esforço óbvio. O olhar dele penetrou-a.

— É demasiado? — perguntou ele com um tom extremamente rouco.

— Vou-me vir — disse ela, sendo um choque para ela própria o modo como as palavras trémulas jorraram da sua boca.

— Então, vem-te — retorquiu com uma voz áspera ao levantá-la ligeiramente, expondo a parte exterior do sexo dela. Alcançou-a entre as coxas e fez deslizar o dedo entre as dobras escorregadias dos lábios genitais. Esfregou-lhe o clítoris com o dedo, com uma mestria factual. Ela gritou e arqueou as costas, assim que o orgasmo estremeceu por toda ela, um êxtase exponencialmente poderoso com Kam plantado bem fundo dentro do corpo dela.

Lin ouviu o rugido profundo e primitivo dele como se estivesse bem longe. Ele continuou a esfregá-la por um instante. Quando removeu a mão, ela continuava a vir-se, fustigada por fortes estremecimentos de prazer. Ele dobrou-lhe os joelhos em direção aos ombros dela e inclinou-se sobre Lin, usando o seu próprio corpo para lhe fixar as pernas dobradas, encostadas ao seu próprio tronco. Começou a fodê-la enquanto ela ainda se lamuriava com o clímax.

Por alguns segundos, o modo exigente como ele a possuía interrompeu o prazer dela. Era demasiado, verdadeiramente demasiado, tê-lo a martelar de tão alto e com tanta força para dentro dela. Fê-la ficar sem fôlego. Mas depois, a fricção causada pela cabeça inchada e definida do pénis a esfregar-lhe carne que jamais fora tocada começou a aumentar. Era como se ele estivesse a atear um fogo dentro dela.

Ela gemeu e ergueu o olhar para ele, ao abandono. Ele baixou o olhar para ela, com o rosto atraente tão rígido, os olhos tão loucos que eram quase assustadores, como se estivesse verdadeiramente a ser possuído por uma força da natureza. As investidas dele tornaram-se mais longas, mais fortes. Ela revelou os dentes perante a pressão intensa e o prazer crescente, gemendo e levantando a cabeça da almofada, olhando para baixo. O mastro do pau dele reluzia com os fluidos dela ao mover-se qual pistão para dentro e para fora, a pélvis dele batendo energicamente contra ela com um ritmo excitante, erótico, que acelerava a cada segundo que passava.

Ela caiu para trás, arfando contra as almofadas. — Ai, meu Deus, o preservativo. — Ele estava a tomá-la de um modo tão enérgico, tão completo, que o rebordo do preservativo estava a sair-lhe do pau grosso.

— Eu sei — resmungou ele entre dentes com uma voz estrangulada, sem nunca interromper as suas investidas poderosas. — Ele segura-se o

tempo que for preciso. Eu não vou durar mais. Não nesta ratinha doce, não. Vou-me vir.

Ela cerrou as pálpebras com força ao ouvir aquelas palavras roucas e eróticas. Ele bateu contra ela e fez um movimento circular com as ancas, enchendo-a demasiado uma vez mais, esmagando os sexos de ambos um no outro. Ela gritou de excitação e sentiu a pila dele a inchar e a jorrar dentro dela. O grito dele foi abrasador. Cru. Ela deitou-se sobre as almofadas, respirando de forma ofegante com uma profunda excitação e um certo desconforto, observando-o enquanto ele começava a vir-se. Todos os músculos do corpo esguio e forte dele se contraíram com força, enrugando-se e movendo-se aos sacões. Enfeitiçada, apercebeu-se de que ela se privara espontaneamente da beleza dele. Alcançou-o, subitamente doida por acariciar e afagar aquilo que pareciam quilómetros de pele macia e músculos delineados. Contudo, ele emitiu um som rude e empurrou-lhe as canelas para baixo, impedindo a sua ação.

Montou-a enquanto ejaculava. A intensa fricção fê-la trocar os olhos. Ela juntou-se a ele no clímax, demasiado arrebatada pela possessão feroz dele para conseguir sair daquele fogo.

— Foda-se. Consigo sentir-te a vires-te — gemeu ele, soando para lá de miserável.

— Não — regougou Lin assim que ele saiu de dentro dela.

Era como se, de repente, lhe tivessem atirado água gelada para cima da pele a ferver de tão grave que era a privação do corpo dele. Kam deixou-se cair sobre o colchão, arfando, com a sua pélvis a embalar a anca dela e o seu pau húmido a latejar na coxa dela.

— Teve de ser. O maldito preservativo não ia ficar no sítio. Não quero derramar-me dentro de ti — disse ele ao mesmo tempo que fazia deslizar a mão por entre as coxas dela. Ela gritou assim que o clímax começou a aumentar até à sua potente explosão original enquanto ele lhe esfregava o clítoris escorregadio rapidamente. Os olhos dela fecharam-se enquanto ela tremia de prazer.

— Não, abre-os — ordenou ele, asperamente.

Ela ergueu as pálpebras pesadas. Ambas as mãos dele recomeçaram a mover-se e ela reparou que ele estava a estimulá-los aos dois ao mesmo tempo.

Pareceu-lhe irresistivelmente íntimo olhar fixamente para os olhos fezozes dele enquanto ambos estremeciam de prazer mútuo... olhar para o rosto familiar de um estranho virtual.

Capítulo

TRÊS

Ele abateu-se sobre a cama, ao lado dela, deixando cair a cabeça na almofada. Enquanto ali estava deitada a sentir a respiração custosa dele junto ao seu ouvido, lenta e regular, o corpo dela pareceu liquefazer-se, fundindo-se com o colchão. Ele estava quente e sólido. De certo modo, a sonolência que ela sentia deixou-a paradoxalmente alarmada.

Ela fizera sexo selvagem e impulsivo com alguém que acabara de conhecer. Podia usar um único dedo para contar as vezes que isso acontecera em toda a sua vida; e essa única vez, que acontecera na altura das miniférias, quando andava na universidade, não contava, dada a quantidade invulgar de tequila envolvida e o próprio encontro sexual pouco memorável. Depois disso, desprezara-se por se ter colocado naquela situação repugnante, jurando nunca mais voltar a deixar perder o controlo naquela área da sua vida.

Contudo, nessa noite não se tratara de nenhum encontro embriagado com um qualquer miúdo arrogante e, no entanto, desajeitado. Este fora um ataque fulminante de desejo com nada mais nada menos do que o irmão de Ian Noble, o homem que era suposto ela orientar e amaciar para um negócio potencialmente lucrativo. Um negócio que, sem dúvida, era importante para o seu patrão, porque Kam era da família.

Ian.

Uma imagem do olhar azul tipo laser e da expressão impenetrável de Ian apareceu subitamente na sua mente. Esta desencadeou um sentimento melindroso que desfez a deliciosa lassidão que sentia. Reparando que as

suas mãos continuavam acima da sua cabeça, baixou-as cautelosamente, olhando sempre de lado para Kam. Estaria ele a dormir? Era certo que a respiração dele se tornara lenta e regular.

Ele esticou a mão e agarrou numa das mãos dela a descer. Ela sobressaltou-se com o toque dele.

— Pensava que estavas a dormir — disse Lin baixinho, com a voz pesada de descontração.

— Estou acordado.

Ela virou a cabeça por completo e viu-o a olhar para ela. Não havia dúvida de que estava. Em comparação com a forma rígida de ambos quando ele estivera dentro dela — a bater, a pulsar e a exigir —, os músculos faciais dele pareciam estar descontraídos, o olhar, porém, concentrado e alerta. Manteve a mão dela agarrada e moveu-a para a cintura dela, adornando-a com o braço dele.

— Podes ter acabado de esturrar os meus neurónios, mas não quero dormir. Ainda não — murmurou ele grossamente, com a sua voz rouca e sotaque francês. O coração dela voltou a disparar para a vida. Teria ela ouvido uma pontinha de sugestão no tom dele? Ele moveu a almofadinha do polegar dele sobre o pulso dela numa busca delicada. — Queria-te tanto que nem tive oportunidade para te apreciar. Estava demasiado ocupado a entrar em combustão.

Ela engoliu, sentindo o peso das pérolas em cima da sua maçã de Adão.

— Podes ter a certeza que me senti apreciada — assegurou ela.

Um sorriso bruxuleou pelos lábios dele enquanto continuava a tocar-lhe no pulso. — Mesmo assim, mal foi uma experiência de saborear algo. Foi mais de devorar.

Ela devolveu-lhe o sorriso, animada com a alegria no olhar dele. A almofadinha do polegar de Kam continuou subtilmente no pulso dela.

— Estás a sentir a minha pulsação? Quando me tocas aí? — sussurrou ela. Os seus rostos estavam a apenas alguns centímetros de distância. Ela conseguia ver claramente o círculo preto que rodeava as íris dele e as manchas escuras como a noite nos olhos cinza-prateados dele. As pestanas eram surpreendentemente grossas para um homem, realçando-lhe ainda mais o olhar magnético.

— Estou.

— Estás a usar os teus conhecimentos de biologia, os mesmos que usaste para fazeres os teus mecanismos de *biofeedback*, para me interpretares?

— O corpo humano tem a sua própria linguagem — respondeu ele, ainda a tocar muito ao de leve no pulso dela com o polegar. — Costuma ser mais honesta do que a que sai da boca das pessoas.

— O que é que o meu corpo está a dizer-te neste preciso momento? — sussurrou ela, incapaz de se impedir de fazer a pergunta.

O olhar dele desceu devagar, para cima do peito dela. Ela sentiu o olhar fixo nos seus seios, como se lhe estivesse a tocar. Desassossegadamente, ela mudou de posição um ou dois centímetros, aumentando o contacto com o corpo dele. O ombro dela pressionou-se contra um músculo peitoral compacto. Ela inspirou profundamente, fazendo com que os seus seios se elevassem. Os mamilos dela esticaram-se sob o olhar pesado de Kam.

— A subida em flecha da tua pulsação, juntamente com o aumento da tua tensão muscular, pode significar ansiedade. Ou que estás a aquecer outra vez. — Ele ergueu o olhar para o rosto dela e viu o rubor das suas faces. As pálpebras dele tinham ficado pesadas, de certo modo tanto saciado como excitado ao mesmo tempo. A aquecer outra vez. Tão bem dito. — Mas, em combinação com o resto dos sinais — disse ele, lançando um olhar rápido aos mamilos eretos dela —, diria que é a última hipótese. Tenho razão?

Ela lambeu o lábio inferior nervosamente. — Acho que tanto pode significar ansiedade como... a outra coisa.

Ele libertou o pulso dela e envolveu-lhe a cintura, esticando a mão grande e quente e os seus dedos compridos desde as costas dela até à barriga.

— Porque é que estás ansiosa? — rosnou ele baixinho.

— Primeiro, porque acho que o Ian não aprovaria isto.

As narinas dele dilataram-se ligeiramente. — Ele mandou-te encontrares-te comigo, não mandou? Que direito tem ele de reclamar, se gostarmos um do outro? O que é que ele tem a ver com isso?

— Tu sabes que não é assim tão simples — condenou ela.

A boca dele mudou com um semblante carregado. — Certo. Vamos ter em consideração aquilo que o Ian queria nesta situação. Com certeza!

Ele largou-a de repente e rebolou para fora da cama. Lin ficou sobressaltada com a forma abrupta com que ele reagiu — já para não falar no sarcasmo a ferver em lume brando —, mas depois distraiu-se imediatamente com a imagem dele praticamente todo nu, à exceção das calças de ganga e da roupa interior amontoadas em torno daquelas coxas longas e sólidas quais carvalhos jovens. Ian não lhe dissera que Kam construía uma zona de treino sofisticada na casa subterrânea dele, que tinha em consideração o seu conhecimento intuitivo da física e dos mecanismos subtis do corpo humano? Ian estava em suprema forma, mas dissera, ironicamente, a Lin que, depois de se ter juntado a Kam num dos seus treinos, quase não conseguira mexer-se durante três dias.

As costas de Kam eram lindas: todas elas músculos esguios e definidos, uma cintura estreita que se ia alargando até uns ombros largos. A pele

dele tinha mais cor do que a de Ian, um dourado moreno. Parecia não ter um grama de gordura em lado nenhum. Lin supôs que ele não teria tido grandes hipóteses de ganhar alguma cor ao viver uma existência solitária e pobre durante tantos anos no campo. O sexo dela tremeu de excitação com a imagem dele a puxar a roupa interior rápida e despreocupadamente para cima do seu traseiro. A pele daquela zona era macia como a das costas, as nádegas eram poderosas, redondas, muito... condignas de serem agarradas.

Ela fora louca por ter obedecido à ordem dele e não ter posto as mãos em ação.

— Casa de banho? — perguntou Kam bruscamente, quebrando o feitiço de luxúria que se instalara... e desilusão.

— Ah, ali. — Apontou para uma porta à direita.

Ele contornou os pés da cama. Não apertara a braguilha. À medida que ia andando, a mão dele pegou na pila exposta por baixo e retirou o preservativo. Já não estava duro que nem uma rocha como estivera anteriormente, mas o pénis dele continuava bonito: bem proporcionado e ligeiramente distendido do corpo dele.

O calor precipitou-se pelo corpo de Lin, tão poderoso e entontecedor como da primeira vez. Quando ele desapareceu por trás da porta da casa de banho, ela pestanejou e olhou para o quarto como se estivesse a ver o que a rodeava pela primeira vez naquela noite. Olhou ansiosamente para a porta fechada da casa de banho. Estaria ele a controlar-se lá dentro? A lavar-se e a abotoar a roupa? Não quis estar esparramada na cama, com a saia à volta da cintura, de pernas abertas, vulnerável e exposta, quando ele regressasse. Sentou-se e mergulhou em busca da sua camisola. Quando a porta da casa de banho voltou a abrir-se de rompante, apressou-se a pressionar a malha sedosa sobre os seios, sentindo-se como se tivesse sido apanhada em flagrante.

Ele caminhou para lá da porta, detendo-se ao vê-la. Uma sombra de repugnância — ou seria desilusão? — atravessou as suas feições bem marcadas. Ajeitou as calças de ganga e apertou-as rapidamente, fletindo o abdómen sulcado. Ele não estivera a controlar-se lá dentro. Ela observou-o, impotente, enquanto ele caminhava de modo imponente pelo quarto e levantava a camisa acolchoada e o casaco do chão.

— Vais... vais-te embora? — perguntou ela.

— É o que parece — disse ele ríspidamente, desemaranhando a roupa.

— Não tive intenção de... quero dizer... Desculpa — disse desajeitadamente. Porque é que ela não sabia o que queria naquela situação? Era como se já não conseguisse interpretar os seus próprios desejos. Talvez fosse melhor se ele realmente partisse. De certeza que ela se arrependeria do seu comportamento impulsivo. Raramente ia para a cama com

homens e nunca no primeiro encontro, o que não era surpresa nenhuma. Ninguém tinha menos sorte com homens do que Lin, ela devia ter o recorde mundial do número abismal de primeiros e únicos encontros. Mas, no caso de Kam, o discernimento dela estava a falhar particularmente. Em primeiro lugar, aquilo não fora nenhum encontro. Fora um compromisso de trabalho. Segundo, por amor de Deus, ele era irmão de Ian. Lin era sempre muito exigente quanto a manter os limites entre o seu trabalho e a sua vida pessoal intactos. Não que ela tivesse grande vida pessoal para além do trabalho e de Ian, mas...

De certeza que também se arrependeria de ver Kam Reardon ir-se embora naquele momento.

Tinhas razão, há bocado. Eu estava a aquecer. Não devia ter falado no Ian. Não é assunto em que tenhamos de pensar agora.

— O que não percebo — disse Kam enquanto vestia a camisa, com os seus músculos atraentes a fletirem-se com um movimento brusco e impaciente — é o limite.

— O limite? — perguntou Lin devagar, tendo as palavras dele interrompido o fluxo do seu ensaio mental para o convencer a ficar. O olhar repentino e furioso dele fê-la puxar a camisola ainda mais contra o seu tronco despido.

— Já. Não estavas disposta a trabalhar horas extra?

Demorou um instante para perceber o que ele queria dizer. Quando percebeu, foi inundada por mágoa e raiva.

— Como é que te atreves a dizeres-me uma coisa dessas? Isto — olhou de relance para trás, para a cama em desordem — não teve nada a ver com trabalho.

— A sério? Não teve nada a ver com o Ian? — indagou mordazmente, enfiando os braços nas mangas do casaco de um modo tão brusco que ela ouviu a costura a protestar com o som de algo a rasgar. — Toda a gente está sempre a dizer que tu farias tudo por ele.

— Não — exclamou ela, levantando-se. Não conseguia acreditar que ele acabara de dizer aquilo. Mas depois, lembrou-se de uma coisa e deteve-se a meio da sua defesa exaltada. O comportamento nada típico que estava a ter essa noite parecia, de facto, estar relacionado com Ian, não parecia? Relacionado com o segredo dela, com os sentimentos ocultos que tinha por ele? Demasiado tarde, reparou que Kam se apercebera da sua súbita distração.

— O Ian pediu-te para ires para a cama comigo? Para me amansares um bocadinho? Para tornares o parente teimoso do campo um pouco mais maleável? Mais agradável? — interrogou calmamente, dando um passo em direção a ela.

— Não! Claro que não. Tens noção de que estás praticamente a chamar-me prostituta, não tens? — Quase gritou, com a raiva, a descrença e a confusão a entrelaçarem-se e a começarem a fervilhar-lhe no sangue. — É isso que pensas? Que o Ian me manda ir para a cama com os parceiros de negócios dele? Com os membros da família dele?

As feições de Kam ensombraram-se. — É claro que não acho que és uma prostituta. O que acho é que és um tipo de mulher capaz de fazer tudo pelo seu trabalho. Pelo patrão. Toda a gente da nossa família passa a vida a dizer o quão leal és ao Ian.

Ela ficou boquiaberta com o choque. *Oh, meu Deus!* Ela fora tão estúpida. Como é que ela alguma vez podia ter pensado que aquele anormal rude e selvagem era atraente? Ele nem sequer fazia lembrar os homens de quem costumava gostar, mas a libido dela tinha de ser satisfeita, não tinha? Este era o erro mais estúpido que alguma vez cometera.

Ela esticou-se por completo, recusando-se a sentir-se intimidada pelo facto de estar ali semidespida à frente de um tão grande, gigantesco filho da puta. Ele acabara de a incendiar até às entranhas e agora tivera a cara de pau de lhe chamar prostituta e lacaia submissa de Ian num só golpe. Ela *deixara* que ele a incendiasse.

— Sai já da minha casa — disse ela calmamente.

Uma expressão estranha invadiu repentinamente o rosto dele, como se a resposta dela o tivesse desiludido, mas que também tivesse sido exatamente o que ele esperara da parte dela.

Ela estava quase tão furiosa consigo quanto estava com Kam Reardon por se preocupar com a porra do que aquele filho da mãe pensava. Ele saiu a passos largos do quarto sem olhar para trás, com as costas tão direitas quanto as dela. Lin permaneceu exatamente na mesma posição depois de ouvir a porta da entrada fechar-se com um clique bem audível.

Devagar, sentiu o arrepio rastejante de Kam não ter sido a única pessoa desiludida com o comportamento dela essa noite. Desiludira-se a si própria. Nunca na vida recuara ou falhara uma tarefa que Ian lhe atribuía. Mas havia uma primeira vez para tudo. Tinha de contar a verdade a Ian.

Recusava-se a trabalhar com o insolente do irmão dele.

A luz do Sol da manhã jorrava para o interior do escritório de Ian, situado na esquina do edifício, quanto ela entrou nele três dias mais tarde. Sentia-se agitada com os nervos, mas sabia que, à superfície, aparentava estar calma. Precisara de muita energia para acalmar a sua ansiedade quanto ao que acontecera com Kam, mas tivera vários dias para o fazer, concentrando-se nos negócios em Nova Iorque. Construíra, cuida-

dosamente, uma mentira quanto ao motivo para não poder trabalhar com Kam, mas a história dela parecia muito mal contada. Com toda a certeza que Ian, justamente ele, jamais acreditaria nisso.

Talvez não tivesse de o convencer, pensou ao aproximar-se da secretária de Ian. Falara com ele a noite passada, antes do seu voo de regresso para Chicago. A conversa que tiveram fora simplesmente um apanhado prático das reuniões dela em Nova Iorque. Ian apenas mencionara Kam a respeito das visitas pessoais que fizera à sua família. Contudo, entretanto Kam poderia ter-lhe contado o que acontecera entre eles na noite de segunda-feira. Talvez Kam já tivesse sugerido que fosse ele quem não queria trabalhar com Lin?

O facto de não saber o estado em que se encontrava a situação apenas aumentou a ansiedade mal contida que sentia.

Como sempre, Ian estava sentado à sua secretária de madeira maciça esculpida, a falar com alguém ao auscultador e movendo os dedos rapidamente sobre o teclado diante dele. Apesar de estar a realizar mais do que uma tarefa em simultâneo, os olhos dele encontraram-se com os dela enquanto Lin lhe entregava a contabilidade mais recente da Tyake, uma das suas subsidiárias. Ela reconheceu de imediato o olhar significativo que ele lançou a uma cadeira à frente da secretária, ficando desanimada. Ele queria que ela esperasse.

A consciência dela ficou sobrecarregada com raiva, mágoa e humilhação assim que pensou na possibilidade de Kam ter revelado todos os pormenores sórdidos a Ian. Como é que ela podia ter sido tão estúpida? A impulsividade dela deixava-a extremamente chocada. Afundou-se numa das cadeiras acolchoadas à frente da secretária, com um pavor tão grande que chegou a sentir náuseas.

— Vamos aguardar e logo veremos como o Nikkei abre esta noite e depois agimos a partir disso — estava Ian a dizer, olhando de relance para o conteúdo do ficheiro que ela lhe entregara. Pelo assunto, Lin percebera quase de imediato quem estava do outro lado da linha. Os dedos dele que estavam a escrever no teclado detiveram-se assim que terminou a conversa com Alexandra Horowitz, uma das suas vice-presidentes.

Ele tirou o auricular.

— Bom-dia — cumprimentou-o com uma jovialidade falsa.

— Está um bom dia, não está? — comentou ele, calmamente, olhando para as janelas que iam do chão até ao teto. A luz brilhante do Sol tornava os olhos dele, normalmente da cor do cobalto, em rasgões reluzentes de azul do céu. — A Francesca tem aquela exposição hoje à noite. Ela vai ficar contente por o tempo não poder ser uma desculpa para as pessoas não aparecerem.

— Ela deve estar muito entusiasmada.

O irmão de Ian, Lucien, e a sua mulher Elise tinham aberto um sofisticado Boutique Hotel e restaurante em Prairie Avenue há alguns meses, onde Elise também trabalhava como chefe executiva. Francesca sentira-se tão inspirada pela estrutura elegante de tijolos em que Lucien instalara o hotel que completara uma coleção de alguns dos clássicos de arquitetura de Chicago: edifícios que evocavam uma era diferente e um gracioso estilo de vida. Lin organizara tudo para que a reunião de Gersbach com Kam fosse realizada na receção da exposição de Francesca, seguida de jantar no Frais, o novo restaurante de Elise.

— A Francesca tem feito desenhos para esta coleção, não tem? — esquivou-se Lin, na esperança de evitar o assunto inevitável de Kam por mais alguns segundos.

— Tem — respondeu Ian secamente. — É difícil para ela ter de adiar a pintura enquanto está grávida. Aposto em como ela vai mergulhar no material assim que o bebé nascer.

Lá estava, aquele olhar longínquo com que ficava sempre que falava de Francesca. Atualmente magoava-a muito menos do que magoara no passado. Lin lembrava-se vividamente da primeira vez em que vira aquela expressão: tão diferente do olhar brutalmente concentrado e perspicaz típico de Ian. Ela admitia que vê-lo fazia-a sentir ciúmes, mas também era invadida por um sentimento estranho de felicidade ao ver um homem determinadamente solitário a perder-se, finalmente, por completo ao pensar noutra pessoa. Há muito que ela aceitara que ele nunca pensaria nela daquela forma. A dor tornara-se um pesar distante que a incomodava cada vez menos a cada dia que passava.

— A Francesca merecê-lo-ia — disse Lin com um sorriso. — Deve ser tão difícil para ela ter de se abster de uma coisa tão entrelaçada na sua existência. Mas, fico contente por saber que ela descobriu alternativas. A Francesca é muito expedita. — Curvou as sobrancelhas e dirigiu-lhe um sorriso. — Suponho que lhe tenha comprado um presente, algo para a inauguração? — Era uma pequena piada entre eles. Lin costumava comprar todos os presentes para as várias mulheres com quem ele costumava sair antes de Francesca. No entanto, quando Ian conhecera Francesca, esta protestara compreensivelmente por ele mandar Lin escolher os presentes para ela. Ian tivera de tirar um curso intensivo sobre como comprar prendas pessoais e atenciosas, e já aprendera muito.

— Vou mandar-lhe flores e comprei-lhe a primeira edição de um livro de fotografia de arquitetura clássica que há muito que ela queria da loja do Lucien — respondeu ele, referindo-se à loja *vintage* situada ao lado do Boutique Café do hotel de Lucien e Elise.

O sorriso dela aumentou.

— Está a tornar-se um perito. Há de chegar o dia em que já não precisará mais de mim.

O olhar dele concentrou-se nitidamente nela.

— Não diga isso. É um dos meus trunfos mais valiosos. Não consigo existir sem si. Ou, pelo menos, a Noble Enterprises não consegue. Por falar nisso, tenho querido perguntar-lhe uma coisa.

Lin ficou tensa. *É agora.* Teria Kam falado com ele?

— Sim? — perguntou circunspectamente.

— Alguma vez pensaria em mudar-se para Londres? Pelo seu emprego?

O silêncio que se seguiu pareceu rugir nos ouvidos dela.

— Eu... eu não sei. Chicago sempre foi o meu lar. — Caiu para trás na sua cadeira, de boca aberta. — Está a pensar mudar-se para Londres?

— Tenho estado a pensar nisso — respondeu honestamente. — Sabe que a Francesca vai ter o bebé em Belford Hall — disse ele, referindo-se ao palacete dos seus avós.

— Sim. E sei que o seu avô não tem estado muito bem de saúde. — Ela reparou no quão vazia soou a sua voz. Inconscientemente, sempre soubera que Ian poderia escolher Belford Hall como a sua principal residência, mas esse dia sempre lhe parecerá muito distante. Apesar do aperto que sentia no coração, tentou dirigir-lhe um sorriso alegre. — Eu compreendo que queira mudar-se para Inglaterra para ficar mais perto dos seus avós. Para além disso, é um sítio maravilhoso para a Francesca recuperar depois de o bebé nascer.

— Seja como for, estou a pensar nisso para algum tempo.

Ela acalmou-se voluntariamente. Ele disse que seria por um período breve de tempo, mas ela conseguia imaginar as circunstâncias a estender esse período para sempre. — Não posso esperar que as coisas fiquem na mesma para sempre — disse ela com um tom de voz uniforme. — Os negócios são assim. As coisas estão sempre a mudar.

— A Lin é mais do que meros negócios — disse Ian, inclinando as sobrancelhas. — Foi por isso que falei no assunto. Quero que pense em mudar-se. Tenho a certeza que conseguiremos chegar a um acordo que seja benéfico para si e que não implique mudanças assim tão grandes na sua vida. Depois marcaremos para falarmos mais sobre isso na próxima semana?

Ela anuiu e dirigiu-lhe um sorriso tranquilizador, ignorando a voz sarcástica na sua cabeça que lhe dizia que era óbvio que ela não era nada mais do que negócios para ele. O cérebro dela sempre soubera isso, mesmo não tendo o coração aprendido aquela lição crucial de forma adequada.

— Basta desse assunto — disse Ian bruscamente. — Temos de falar sobre o Kam. Como é que correu na outra noite?

— Bem — disse Lin de uma forma suave e uniforme. — Mas estive a pensar se talvez não devêssemos reconsiderar a ideia de eu ser a guia do Kam ao longo de tudo isto.

Ian chegou-se para a frente na sua cadeira, pousando os cotovelos na secretária.

— O que é que se passa? Aconteceu alguma coisa na outra noite? O Kam não tem dito absolutamente nada sobre isso, mas, pensando bem, ele é assim em relação a muitas outras coisas — acrescentou Ian de um modo seco.

Um alívio palpável inundou-a. *Kam não dissera nada.*

— É só... — Fixou o olhar para lá das janelas, no contorno prístino da cidade. Nunca tendo sido substancial desde o início, a mentira cuidadosamente elaborada por ela evaporou-se sob o olhar penetrante de Ian. — Como irmão dele, acho que o Ian seria a pessoa ideal para o acompanhar nestas reuniões. Não acha?

— Nem por isso, não. O Kam precisa de alguém que o oriente, não para lhe tirar as atenções. Para além disso, ele será o primeiro a dizer-me que estou a ser muito opressivo a tratar de assuntos que lhe dizem respeito. Desde que o conheci, nem imagina a quantidade de vezes que ele já me disse que a vida é dele e não minha, normalmente de uma forma muito mais brusca. A subtileza da Lin, o seu charme e os seus modos são precisamente o que é preciso. Ao seu lado ele parecerá da realeza.

— Tem demasiada confiança nas minhas capacidades — murmurou ela entre dentes.

— Duvido muito, sinceramente — disse Ian, olhando de relance para o relógio. — De qualquer forma, podemos perguntar ao Kam o que ele pensa sobre isso. Deve estar a chegar a qualquer altura para eu lhe mostrar a Noble. É a primeira vez que ele visita os escritórios. A Coraline foi lá abaixo ao átrio para o receber.

Lin não teve muito tempo para entrar em pânico. Ouviu-se alguém bater à porta.

— Ah, cá está ele — disse Ian, levantando-se.

Uma atraente morena de meia-idade estivera à espera dele no átrio quando ele entrou nas Torres Noble. Ela identificou-se como Coraline Major e, ao entrarem no elevador, explicou que era uma das assistentes administrativas de Ian.

— Pensava que a Lin Soong era a assistente dele — disse Kam quando as portas do elevador se fecharam silenciosamente.

— A Menina Soong? Secretária do Sr. Noble? — perguntou Coraline,

arqueando as sobrancelhas finas e esparsas perante a ideia. Coraline esperou discretamente que dois jovens de fato saíssem no décimo andar. A porta fechou-se, deixando-os sozinhos no elevador. — Eu e outras três somos assistentes do Sr. Noble e da Menina Soong. A Menina Soong é uma executiva da Noble. Ela faz parte da junta consultiva do Sr. Noble e é considerada por muitos como a chefe consultiva dele. À exceção do próprio Sr. Noble, ninguém conhece melhor a empresa. Ela tem trabalhado aqui, de quando em quando, desde a adolescência. Mesmo quando ainda estava na escola secundária, de vez em quando vinha para o escritório e a avó dela punha-a a trabalhar na contabilidade e coisas do género. A Menina Soong tem a cabeça da avó para números. E é certamente tão elegante e graciosa quanto a Sra. Lee era — recordou Coraline ternamente.

— Ao que parece ela nasceu e foi criada como uma Noble.

— Exatamente. O Sr. Noble aconselha-se com ela para praticamente tudo. O Ian chama-lhe o seu braço-direito. Eles trabalham excepcionalmente bem juntos.

Kam foi percorrido por um súbito e feroz desejo de voltar para o seu lar no Solar Aurore, aquela casa familiar e tipo esconderijo melancólico onde era livre de fazer o que queria sem ter de pensar em nada, onde existia sem a preocupação de ofender alguém. Não que a casa continuasse sombria. Fora transformada com o seu trabalho no duro, a limpeza em grande escala que Elise e Francesca tinham orquestrado com um pelotão de empregadas e os itens que tinham chegado para mobilar de novo a casa. As sombras estavam a ser derrotadas lentamente, a escuridão de Trevor Gaines a ser evaporada por visitantes simpáticos, novas esperanças, organização, muito trabalho e torrentes de luz do Sol. Estava a tornar-se um lar em vez de um mero esqueleto de casa. Mas, o mais importante era que não havia ninguém em Aurore que ele pudesse ofender, para além do seu cão, Angus. E Angus era um animal demasiado bem-disposto para ficar chateado durante muito tempo.

Phoebe Cane estava a tomar conta de *Angus* durante a sua ausência, mas, de repente, teve a certeza que o seu cão se sentia tão desconfortável em casa de Phoebe quanto ele se sentia no seu quarto de hotel luxuoso ali em Chicago. Afinal de contas, o próprio Kam nunca ficara satisfeito nos confins da casa de Phoebe durante mais tempo do que o necessário para haver uma troca mútua de prazer. O cão dele tinha ainda menos motivos para querer lá estar.

Coraline reparou no semblante carregado e achou que seria sensato mudar de assunto.

— Não consigo deixar de pensar em como o senhor e o Sr. Noble são tão parecidos — disse ela.

— Se mais alguém me disser isso, volto a deixar crescer a barba o mais rápido que a natureza mo permitir.

Estava tão preocupado com as suas saudades de casa e a pensar no que Coraline dissera sobre Lin e Ian trabalharem tão bem juntos que nem reparou que calara a assistente de Ian por completo. Seria aquela relação idealista de trabalho o motivo pelo qual Lin achara que Ian não aprovaria que ela e Kam dormissem juntos? Teria Ian de aprovar tudo o que fizesse parte da vida de Lin, já que a vida dela estava tão estreitamente ligada à dele? E não havia dúvida que Lin observara que Ian não aprovaria Kam, fossem irmãos ou não.

Kam não podia dizer que ficaria surpreendido com qualquer uma das hipóteses. Lin não estava propriamente ao alcance dele. Ainda assim, a verdade feria. O melhor era simplesmente tirar Lin Soong da sua cabeça. Logo para começar, ele nunca a convidara realmente a entrar, apenas talvez num contexto periférico.

Saiu do elevador com um passo imponente assim que a porta se abriu no último andar, esquecendo-se temporariamente da sua guia.

Lin foi a primeira coisa em que o seu olhar pousou no interior do enorme escritório soalheiro a cuja porta Coraline batera e abrira para ele entrar. Estava sentada numa cadeira à frente da gigantesca secretária esculpida elaboradamente, com o queixo sobre o ombro, olhando ponderadamente para ele com aqueles olhos grandes e escuros. Ela estava uma paleta de preto e pele cor de marfim macerada pelo sol, com um vestido cor de ébano com mangas compridas transparentes. As longas pernas dela estavam cruzadas. Ele lembrou-se explicitamente dela na noite de segunda-feira, com a saia puxada para cima, sobre a cintura, expondo umas coxas flexíveis e sedosas e a rata mais doce que Deus alguma vez criara...

Ele sorriu. Lá se ia a tentativa de a tirar da cabeça.

Parou por uma fração de segundo assim que passou a soleira da porta, tentando interpretar a expressão dela e falhando. Não exagerara no brilho nem na atração dela ao recordá-la durante os últimos dias. Atraíam um homem qual traça em torno da luz. Arrancou o olhar dela e pegou automaticamente na mão de Ian quando este a estendeu.

— Bem-vindo — cumprimentou Ian, afavelmente. — Espero que não tenhas tido problemas em encontrar-nos.

— É um bocado difícil não reparar no edifício — respondeu Kam, secamente. As Torres Noble eram um dos edifícios mais impressionantes dos arranha-céus ao longo do rio. Ele percebeu que a sede do seu irmão já se tornara um símbolo icónico da cidade.

— Podemos oferecer-te alguma coisa? Café? Pequeno-almoço? — perguntou Ian.

— Não. Tomei o pequeno-almoço com o Lucien e a Elise. — Coraline assumiu a resposta dele como o sinal para sair e fê-lo silenciosamente. Ian acenou para que ele se sentasse numa das cadeiras ao lado da de Lin.

— Gostava que pensasses melhor em ficar connosco no *penthouse*. A Francesca ralhou comigo por causa disso quando te foste embora ontem à noite — disse Ian. — E sei que o Lucien também tem levado nas orelhas da Elise por tu também não queres ficar com eles.

— Estou habituado a estar sozinho — respondeu Kam, brevemente, apesar de a última coisa que sentia no quarto de hotel era estar sozinho. Sentia-se mais como um ratinho de laboratório preso.

— A Lin e eu estávamos agora mesmo a conversar sobre a reunião com os Gersbach hoje à noite — disse Ian enquanto se dirigia para trás da secretária. Kam sentou-se na cadeira ao lado da de Lin. Olhou de lado para ela e apanhou-a a fitá-lo. O olhar dela pulou imediatamente para longe, qual pedra saltitante. O vestido de Lin era largo e sem forma, como uma camisa grande de homem, mas feito de seda macia pregueada. Infelizmente para ele e para a sua libido hiperativa, também ficava acima dos joelhos, deixando alguns centímetros de coxas e da parte de baixo das pernas à mostra. Para aumentar ainda mais a sua desgraça, ela também calçara um par de saltos altos com tachas e fitas de dois centímetros e meio que apertavam à volta dos tornozelos. A visão do cabedal preto contra os tornozelos esguios e elegantes fez com que todo o corpo dele fosse percorrido por um choque elétrico. *Foda-se*, se não o faziam pensar em amarrar tiras de cabedal à volta daqueles tornozelos sensuais — tiras que nada tinham a ver com calçado luxuoso —, pensar em Lin atada e indefesa, a contorcer-se e a gemer de prazer sob a boca e as mãos dele...

Ian interrompeu os pensamentos pornográficos incontroláveis de Kam.

— A Lin acha que poderias sentir-te mais confortável comigo do que com ela hoje à noite.

— Acha? — perguntou Kam, lançando um olhar de relance a Lin. Não ficou propriamente chocado, mas irritado. No entanto, ao olhar para ela, outro sentimento invadiu a sua consciência: curiosidade. O pescoço dela parecia excecionalmente branco e imaculado junto ao seu cabelo escuro apanhado e ao vestido. A garganta apertou-se quando ela engoliu.

— Só acho que um membro da família pode tornar-lhe tudo muito mais fácil do que eu — disse ela, com a sua voz baixa e suave como mel em conflito com a palpitação rápida da sua pulsação na garganta.

— Então não está disposta a isso — disse Kam. — Engraçado, ontem à noite pareceu-me com vontade de enfrentar o desafio.

O olhar pasmado dela moveu-se rapidamente para se encontrar com o dele e, dessa vez, ele pressentiu a raiva dela claramente a fluir na sua dire-

ção, como uma torrente fria e transparente. — Eu não disse que não estava disposta a isso — disse ela.

— Então porque é que está a tentar despachar-me para o Ian?

— Não é uma questão de... — Calou-se quando olhou para Ian e reparou no olhar curioso dele, como se Ian também se tivesse perguntado a mesma coisa. Então... definitivamente, Lin não revelara ao patrão nenhum dos pormenores sórdidos da noite de segunda-feira. Kam pôs-se a magiciar. Teria sido por estar preocupada com o seu emprego ou porque se sentia envergonhada por ter tido sexo com ele? Reparou na mancha rosada e delicada nas faces dela e optou pela última hipótese. A boca sumptuosa e qual botão de rosa abateu-se.

— Foi só uma sugestão da minha parte, mais nada. O Ian dá-se melhor com os Gersbach — explicou com um tom uniforme.

Kam recostou-se de forma desleixada na cadeira. — Por mim não há problema, se não estiver disposta a fazê-lo. Isto não passa tudo de uma anedota, por isso pouco me importa quem é que se vai rir da piada.

A cabeça dela virou-se bruscamente ao ouvir aquilo. — Quem é que se vai rir? E com o quê?

— Supostamente, os Gersbach com os meus modos rústicos, não é com isso que a Lin e o Ian estão preocupados? — respondeu Kam sem hesitar. — Mas não se preocupe, tenho a certeza que também me vou rir bastante com tudo.

— Costuma pensar muitas vezes que as pessoas se riem de si? — indagou ela com um sarcasmo calmo. — Isso chama-se paranoia, Kam. Ninguém se ri de si, nem ninguém se vai rir de si. Se acha que afeta assim tanto as outras pessoas, então tem-se em muito boa conta.

Estava a começar a chegar-se ligeiramente para trás quando ele se riu. A explosão de gargalhadas de Kam desvaneceu e foi substituída por um sentimento de culpa quando ele viu o quão espantada Lin parecia estar com a reação impulsiva dele. Ele sabia que tinha sido rude, mas a descrição que ela fizera fora uma abordagem geral dele próprio: um solitário amargurado, paranoico, que se sentia mais confortável com o seu cão do que com a maioria das pessoas. Aquela imagem parecera-lhe acertada e também estranhamente cómica.

— Estou a perceber — disse Lin, recuperando das gargalhas roucas dele e desviando o olhar com desdém. — É fácil ficar à margem e gozar.

A irritação espaçou-o. Um movimento quebrou a concentração dele sobre Lin, fraturando a sua atenção. Ian estava sentado por trás da secretária, com uma expressão perplexa no rosto enquanto os observava aos dois.

— Se acha que não vou ser uma fonte de divertimento em todas estas

reuniões que marcou, porque é que está a desistir delas? — indagou Kam a Lin.

— Não gosto do seu desdém em relação ao processo — disse ela, reparando num pedacinho invisível de cotão no vestido e limpando-o. — Está determinado a estragar tudo sem sequer tentar. É um insulto para com toda a preparação que fiz.

— Pelo menos, estava disposto a aparecer hoje à noite. Mais do que possa imaginar.

— Então quer mesmo que eu vá? — indagou ela, lançando-lhe um olhar de lado.

— Suponho que seja a minha melhor aposta.

As narinas dela dilataram-se ligeiramente enquanto se encaravam em silêncio.

— Eu próprio não o teria dito melhor — retorquiu Ian. Tanto Lin como Kam viraram-se para olhar para ele.

— Sim. Ainda aqui estou — disse Ian baixinho de uma maneira cômica.

— Está bem — disse Lin abruptamente, como se Ian nunca tivesse interrompido. Kam pestanejou assim que ela praticamente se lançou com violência para fora da cadeira, sendo os movimentos dela rápidos mas graciosos, controlados mas de certo modo igualmente agressivos. Ian pareceu tão constrangido a ficar em silêncio quanto Kam, enquanto ambos a observavam a pegar num bloco de folhas e numa caneta da secretária de Ian, a inclinar-se para a frente e a escrever um gatafunho aniquilador. Kam viu que o vestido-camisa sensual era ligeiramente mais comprido atrás do que à frente, mas que continuava a dar-lhe uma visão torturante das barrigas das pernas esguias. Na posição inclinada em que ela estava, ele conseguia ver o contorno do traseiro bem-feito e provocador através do tecido que caía sobre ele às pregas. Remexia-se muito ao de leve à medida que ela ia escrevendo.

Ela arrancou a folha de papel do bloco com um puxão feroz.

— Encontre-se comigo nesta morada ao meio-dia. Leve o seu cartão de crédito — disse ela, entregando a tira de papel a Kam. Virou-se para Ian e abriu a mão com um movimento súbito numa exigência concisa. — Se já terminou com os números da Tyake, preciso deles de volta.

Ian entregou-lhe o ficheiro sem dizer nada. Ambos ficaram a olhar para Lin a sair majestosamente do escritório.

— Nunca a vi assim — disse Ian, um instante depois de a porta do seu escritório bater energicamente por trás de Lin. Ele fixou o olhar em Kam um pouco de lado. — Que diabos é que lhe disseste quando se encontraram?

— Nada — disse Kam laconicamente enquanto se levantava. Reparou no olhar cético de Ian. — Só lhe disse que achava que ela levava o trabalho demasiado a sério.

— Disseste isso à Lin?

— Já — resmungou Kam entre dentes, ao aproximar-se para examinar a paisagem. — Na altura não percebi que era como espetar o dedo em cheio na ferida.

Capítulo

QUATRO

Ela caminhou à volta do estrado da alfaiataria como um gato elegante em busca de caça, examinando todos os pormenores do trabalho do alfaiate e do assistente deste, mandando fazer ajustes que pretendia, de quando em quando.

— Não, a manga está demasiado curta — disse Lin.

Kam olhou ameaçadoramente para a imagem de eficácia calma dela no espelho, mas ela não se deixou influenciar. Ele sentia-se como um elefante no centro de uma arena, enquanto os alfaiates o empurravam e o picavam. Ele acicatara Lin a acompanhá-lo nas semanas seguintes de propósito. E percebera, demasiado tarde, que ela retribuía com outro desafio, quando viu que a morada que ela lhe dera era a de um sofisticado alfaiate para homens. Tendo noção da insistência com que falara no escritório de Ian, era demasiado tarde para desistir. No entanto, agora que já ali estava, com um homem ajoelhado à frente dele e outro a empurrar-lhe o braço e as costas, desejou ter dado meia-volta e fugido enquanto podia.

A mão do assistente roçou nos tomates dele enquanto lhe media as entrepernas.

— *Merde* — resmungou Kam acaloradamente. A mão do jovem assistente do alfaiate afastou-se rápida e culposamente. — Veja lá onde mete essa fita métrica!

— Peço desculpa, senhor.

O rapaz pareceu demasiado ansioso para continuar. Kam ergueu o olhar para o espelho e reparou na expressão de divertimento de Lin.

— É melhor despacharem-se — disse ela, por trás deles. — Ainda temos mais três fatos para ver e um *smoking*.

— Eles não podem seguir-se pelas medidas deste? — indagou Kam.

— Cada fato tem um corte ligeiramente diferente.

— Para quê tantos?

— Temos mais coisas marcadas para além da reunião com os Gersbach. Disse-te isso na segunda-feira à noite. Há outras partes interessadas no teu produto. Tenho outras reuniões preparadas para ti — disse Lin, voltando a concentrar-se nas ações do Sr. Marnier. — E quero que estejas perfeito em cada uma delas. Para além disso, vais precisar dos fatos para futuros negócios.

Ele bufou num ato de irrisão. No entanto, não conseguiu desviar o olhar do rosto dela. Ou das pernas dela. Ou de fosse o que fosse dela, na verdade. Um homem conseguia alimentar-se só de olhar para ela. Ele não podia negar o apreço que tinha por lhe ser concedido acesso a olhar à vontade. Ela ergueu o olhar de relance e olhou-o nos olhos através do espelho. Ele ficou tenso ao aperceber-se e contente por o júnior ter parado de remexer em torno das suas partes pudendas.

— Estás sujeita a uma desilusão — disse-lhe ele sem rodeios. O olhar dele afundou-se no corpo flexível dela. — Não sou eu que sou o perfeito neste cenário.

As narinas dela dilataram-se ligeiramente quando os olhares de ambos se colaram.

— É um conceito relativo — retorquiu ela suavemente. — A minha intenção foi aperfeiçoar aquilo que já és.

— Até parece que sou uma boneca que estás a tentar deixar bonita para a hora do chá. Isso nunca vai resultar.

O queixo dela elevou-se em jeito de desafio subtil.

— Veremos.

O coração dela disparou uma hora mais tarde quando ele lhe agarrou no cotovelo ao saírem da loja. Ela não conseguiu dizer honestamente se se deveu ao pânico ou a uma intensa antecipação.

— Para onde é que vais a fugir tão depressa? — perguntou Kam quando Lin olhou de relance sobre o ombro enquanto acabava de abotoar o casaco.

— Tenho uma coisa chamada emprego.

Ele revirou os olhos.

— Sim, acho que já deixámos isso bem claro na outra noite.

Voltou a agarrar-lhe o cotovelo, quando ela se virou, irritada, e começou a encaminhar-se para a porta.

— Porque é que te irritas tanto com o meu trabalho? — sibilou ela sobre o ombro, sentindo-se imediatamente culpada. Hoje era ela que estava tão irritada com o seu trabalho... com o que Ian dissera sobre mudar-se para Londres... com as insinuações de Kam de ela fazer tudo pelo trabalho... com *tudo*.

— Porque não gosto de ser um dos deveres do teu trabalho — retorquiu ele com um tom de voz baixo, olhando em torno da loja luxuosa. Um homem que estava a segurar em duas gravatas olhou na direção deles, obviamente por estar a ouvir-lhes os sibilos tensos. Kam acenou com a cabeça para a rua soalheira e para o passeio e seguiu Lin para lá da porta giratória.

— Já te disse. A noite de segunda-feira não foi um dever do trabalho. Pelo menos, não a parte do final — disse ela sucintamente quando se encaramaram no passeio. — A noite de segunda-feira foi um erro. E tudo o que fizemos juntos daqui para a frente? *Definitivamente* será trabalho e trabalho enfadonho — acrescentou ela com um olhar duro. Começou a ir-se embora.

Ele praguejou baixinho em francês.

— Desculpa — gritou francamente.

Ela parou abruptamente e olhou para trás, boquiaberta com a surpresa.

— Desculpa por ter sugerido que estavas a agir segundo as ordens do Ian para teres sexo comigo, para me amansares — disse ele num tom abafado, olhando para ambos os lados, de modo a certificar-se de que ninguém estava a ouvi-los ao longe. — Na altura não estava a pensar com clareza.

— Podes crer que não. Estavas a agir como um brutamontes.

Os olhos dele cintilaram de raiva, mas depois fechou-os brevemente e inspirou.

— Tens razão. Eu mereço isso — disse ele com rigidez.

O olhar dela estreitou-se enquanto se aproximava dele.

— Teria sido uma coisa se só estivesses a ser um imbecil. Mas estavas a ser intencionalmente rude. Estavas a tentar ser ofensivo. Porquê?

Ele pestanejou, cerrando os dentes com força, parecendo que estava a «mastigar metal» como Richard dissera.

— Quando te vi a vestires-te naquela noite, quando saí da casa de banho, percebi que já tinhas acabado comigo — disse ele de repente de uma forma mordaz.

Ela ficou sem expressão. Uma sensação de formigueiro invadiu-lhe os membros. Um carro buzinou ruidosamente no trânsito que passava, mas o som mal penetrou na consciência de Lin.

— De repente apercebi-me do quão verdadeiramente improvável era uma mulher como tu ter começado algo comigo — disse Kam.

— E por isso acusaste-me de ir para a cama contigo segundo ordens do Ian? — clarificou ela calmamente.

Ele encolheu os ombros e olhou desconfortavelmente para a rua.

— Eu soube que estava errado praticamente assim que saí porta fora. Mas, se não tivesse percebido perfeitamente o quão errado estava, tê-lo-ia percebido hoje de manhã.

Lin deu mais um passo na direção dele. Pela primeira vez desde que tinham dormido juntos, olhou-o diretamente nos olhos. Ele reparou e baixou o olhar para ela. Ela achou que estava mesmo a ver arrependimento misturado com irritação naquelas profundezas prateadas maceradas de luz. Ficou com a nítida impressão de que a frustração que testemunhara era com ele próprio.

— O que queres dizer com isso? — perguntou ela. — O que é que aconteceu hoje de manhã?

— O Ian pareceu genuinamente incomodado com a tua... apresentação no escritório dele hoje de manhã. É absolutamente impossível ele ter-te pedido para dançares o tango comigo de propósito. — Kam riu-se. — Se o tivesse feito, não teria parecido tão estupefacto com a forma como agiste. Pela primeira vez na vida pareceu completamente desorientado.

— Dançar o tango contigo? — clarificou ela, divertida, apesar da sua determinação em mantê-lo à distância de um braço.

— Sê realista. Eu faço-te perder o controlo — disse ele, inclinando-se um pouco para baixo, com um pequeno sorriso a enviesar-lhe os lábios.

Ela pestanejou, novamente hesitante.

— A tua arrogância é épica — disse ela com um misto de espanto e irritação, esquecendo-se por momentos de que ele acabara de admitir uma fraqueza diretamente. Ele sentira-se tão vulnerável quanto ela depois de terem feito sexo.

— Só se resultar — pensou tê-lo ouvido dizer baixinho com um sotaque cerrado. — Queres almoçar comigo? — perguntou ele, baixando o olhar lentamente para a boca dela de um modo familiar que ela reconheceu da noite anterior. Um calor percorreu-a rapidamente, testando as suas defesas tensas.

— Eu disse a mim própria que ia manter-me longe de ti, Kam.

— Porquê? — perguntou, dando um passo na direção dela, ficando tão perto que a camisa desabotoada dele roçou no casaco dela. Lin deu por si de olhar fixo naqueles olhos magnéticos. Estava quase tão perto quanto estivera na noite de segunda-feira, quando tinham estado deitados lado a lado, ambos virados do avesso por clímaxes trovejantes. — Já pedi desculpa, não

pedi? — lembrou-a baixinho. — Eu sei quando cometo um erro. Ou és do tipo de guardar rancor?

— Não, não é isso. Fico grata pelo teu pedido de desculpas — admitiu ela. — É só que... tu representas sarilhos.

— No geral? — sussurrou ele. — Ou particularmente para ti?

Ela hesitou. — Os dois, acho eu.

— São as melhores notícias que tive o dia todo.

Algo se moveu no peito dela quando viu o sorriso no olhar dele.

— Pelo menos almoça comigo. É aborrecido estar totalmente sozinho naquele quarto de hotel.

— Disseste que querias estar sozinho. Viveste isolado durante quase toda a tua vida adulta — lembrou-o.

— Mas tinha sempre alguma coisa para fazer. Não gosto de ficar aborrecido.

— Há um ginásio fantástico de treino no hotel Trump Tower.

— Já lá fui hoje.

— Podias dar um passeio pela cidade. Ou eu podia planear-te uma visita à fábrica da Noble Enterprises.

— O Ian vai levar-me a uma fábrica na próxima semana para ma mostrar. Combinámos isso hoje, durante a visita à baixa. Mas, se conheceres outras empresas do setor tecnológico ou das telecomunicações que eu possa visitar enquanto aqui estiver, estou interessado — disse Kam, surpreendendo-a. Ele baixou-se e disse com uma confidencialidade trocista: — E, se não quiseres, nem sequer tens de me dar a mão durante as visitas.

— Kam, não estou a tentar tratar-te de forma condescendente. Estou a tentar ajudar.

— Eu sei e vais ajudar — disse ele de um modo tão sério que a apanhou desprevenida. — Mas o que quero fazer agora mesmo é levar-te a almoçar. Por favor? — incitou, provavelmente pressentindo a resistência dela a desmoronar-se.

Ela hesitou.

— Não quero que o Ian saiba. Nem a Francesca. Nem ninguém — declarou, por fim.

— Sobre hoje?

— À exceção de ter perdido as estribeiras no escritório do Ian, não fiz nada de lamentável contigo hoje. — *Ainda não, pois não?*, escarneceu uma voz sapiente na cabeça dela. Lin reprimiu-a com algum esforço. — O que pretendo dizer é que não quero que tornes a noite de segunda-feira pública.

— Porque o Ian é teu patrão?

— Porque não quero que ele saiba — repetiu.

Ele encolheu os ombros daquela maneira des preocupada.

— Está bem. Para mim não faz diferença nenhuma. O Ian não é problema meu. Neste momento não é.

Ela hesitou mas depois reparou no pequeno sorriso dele. Lin sentiu um formigueiro de vibração pelo corpo. Aquele sorriso era malandro, sim, e atrevido, mas ali estava... aquela pontinha de timidez. Ela não devia, mas aquele sorriso disse-lhe que o faria.

— Tenho um pressentimento de que vou arrepende-me disto — disse num tom baixinho.

— Por vezes o risco é a única coisa que faz com que algo valha a pena.

Antes de poder responder, ele pegou-lhe na mão e conduziu-a para a beira do passeio para chamar um táxi.

Li sobre isto numa revista de viagens, quando estava na faculdade em Londres, e sempre quis cá vir — explicou Kam quando pararam à frente de um restaurante e Lin fixou o olhar para lá da janela, espantada. Ela olhou ao seu redor, curiosa, quando Kam abriu a porta do táxi para ela sair e a ajudou a descer para o passeio. Estavam no meio de um bairro da zona norte. No outro lado da estrada havia crianças a brincar num recreio. Casas asseadas de tijolo geminadas delineavam a estrada ao longo de quarteirões.

— Entrecosto e Piza do Lou — leu Lin a placa na janela. O edifício parecia já ter passado pela sua quota-parte de anos e renovações. Era uma miscelânea de materiais de diferentes épocas.

— Nunca vieste aqui? — perguntou Kam enquanto seguia à frente dela e abria a porta.

— Não — admitiu Lin. Ela seguiu-o para o interior de um bar surpreendentemente repleto de gente e uma zona de refeições. Uma *jukebox* tocava um clássico da pop com um som abafado e havia pessoas a conversar nas mesas. Sempre que alguém ligava um liquidificador por trás do bar, a conversa de toda a gente aumentava de volume, como se a multidão estivesse habituada àquele som. — Está a fazer um bom negócio para a hora de almoço de um dia de semana. Como é que descobriste um sítio como este aqui nos subúrbios?

— Já te disse, li sobre isto quando estava na faculdade. É conhecido pelo entrecosto e pela piza alta ao estilo de Chicago e pelos incríveis batidos de leite. Existe desde sempre. O Frank Sinatra costumava vir aqui com os amigos. Hoje está superlotado porque vai haver um jogo dos Cubs às três. Tu cresceste em Chicago e nunca ouviste falar do Lou?

Ela encolheu os ombros como quem pede desculpa.

— Acho que foi preciso um francês para me apresentar uma coisa da

minha cidade. Para além disso, a minha avó era vegetariana. Era muito seletiva quanto aos sítios onde comíamos.

— Estás mais habituada a sítios como o Savaur ou um dos restaurantes do Lucien, mas não te fazia mal nenhum saíres de vez em quando.

Ela foi percorrida por um rasgo de irritação devido à certeza presunçosa dele, mas deteve-se ao olhar em volta do restaurante caseiro. Talvez ele tivesse razão. Talvez ela devesse expandir um pouco os limites do seu mundo.

Uma mulher baixa e forte, com um avental por cima de umas calças justas de poliéster, aproximou-se deles.

— Neste momento estamos cheios. Podem aguardar quinze minutos?

— Então e aqueles dois? — perguntou Kam, apontando para dois bancos vazios no bar. A mulher olhou dubiamente para os saltos altos e para o casaco de fato leve de Lin e, depois, novamente para Kam, com um ar elogioso. Uma vez mais, quem escolhera a roupa de Kam fora Lin: um par de calças de ganga, uma camisa branca, que realçava a pele morena, e uma camisa larga de usar por cima, que também tinha a função dupla de casaco num clima agradavelmente fresco de outono. Ele encaixava ali. O olhar da empregada de mesa deu-lhe claramente a entender que ela não.

— Se quiserem, são vossos — concedeu a mulher com um encolher de ombros.

Lin sorriu a Kam e acenou com a cabeça. Ele pegou no casaco dela e pendurou-o num bengaleiro à frente do bar.

— Lá voltamos a ir para o bar depois de um mau dia — disse ele baixinho, quando voltou e se sentou ao lado dela, pousando os cotovelos no balcão de nogueira cheio de marcas, mas a reluzir.

Lin desviou o olhar, sem certeza do que responder àquilo. Estava estranhamente feliz por estar ali com Kam no restaurante barulhento, mas sentia-se destroçada por aquela felicidade. Ele fora muito rude para com ela na noite de segunda-feira, mas ela acreditara no pedido de desculpas dele. Na verdade, ficara comovida com o reconhecimento da sua vulnerabilidade. Não era isso que estava a incomodá-la.

— Disseste há bocado que o Ian ficou transtornado com o que aconteceu no escritório dele hoje de manhã? — perguntou com uma casualidade forçada.

— Não, transtornado não — respondeu Kam, com o olhar a vaguear pelo rosto dela. Ela esforçou-se para que as suas feições apresentassem uma expressão neutra. — Ficou mais para o surpreendido. Vi o Ian enervado poucas vezes. Mesmo quando levou o tiro, o Ian estava calmo — refletiu Kam, referindo-se ao acontecimento aterrorizador que acontecera no início daquele ano, quando o primo de Ian, Gerard Sinoit, traíra Ian e o alve-

jara no ombro. Kam salvara Ian e Francesca nessa altura. — Só ficou incomodado — explicou Kam de imediato. — Fiquei com a impressão de que ele não está habituado a ver-te irritada.

— Eu não estava irritada. Estava...

— Zangada e não era pouco — acabou por ela.

— Obrigada — disse Lin ao empregado do bar quando este pousou duas águas geladas e uma ementa à frente deles. — O que é que o Ian disse, exatamente?

Kam não respondeu de imediato, limitando-se a bebericar água com gelo e a observar o empregado do bar despreocupadamente, enquanto este fazia um batido de leite por trás do bar. A máquina emitiu um som dissonante: *clanc, clanc, clanc*.

— Ficou um pouco chocado por eu te ter dito que levavas o teu trabalho demasiado a sério. De acordo com o Ian, e com mais umas quantas pessoas com quem falei, Lin Soong e o trabalho dela são praticamente sinónimos.

Ela recostou-se.

— Andaste a falar com outras pessoas sobre mim?

— Não foi nada de especial. As pessoas falam — disse ele impassivelmente.

— Principalmente quando fazemos perguntas — retorquiu ela com um modo seco.

— Ninguém me explicou uma coisa. Porque é que uma mulher solteira e bonita se enterra no trabalho, excluindo tudo o resto? — perguntou, observando-a com um olhar de esguelha.

— Então diz-me porque é que um homem atraente e brilhante, com o potencial para fazer o que quiser da vida, se enfurnou num laboratório subterrâneo durante anos? — Pegou na ementa dela e examinou-a, mas ele continuou a fitá-la. Ela sabia que ele estava a olhar para ela, porque as suas faces aqueceram sob o olhar fixo de Kam. Ele aproximou-se.

— Talvez a Francesca e a Elise, e algumas das pessoas da Noble, estejam erradas. Tu realmente pareces dissimulada — refletiu, optando por ignorar a pergunta dela. Tal como acontecera no restaurante, na noite de segunda-feira, o resmonear baixo e em jeito de confiança fez com que os minúsculos pelos do pescoço e da orelha de Lin se eriçassem em alerta. — Talvez tenhas mesmo um homem escondido algures, alguém que escondas do Ian com todo o cuidado.

Ela deixou cair a ementa sobre o bar, produzindo o som de uma bofetada.

— Porque é que haveria de fazer isso?

— Diz-me tu.

Ela lançou-lhe um olhar furioso e, dessa vez, tentou mesmo ler a ementa, em vez de se limitar a fazer de contas que estava a ler.

— Para tua informação, tenho apresentado muitos homens ao Ian ao longo dos anos. A Francesca até conheceu alguns dos meus namorados.

— Muitos, foi? Nada pega?

Ela ficou contente por o empregado do bar, com um ar arrasado, ter escolhido aquele momento para ir registar os pedidos deles. Ignorando o sobrolho carregado de desaprovação de Kam, ela pediu uma salada. Ele pediu uma pequena piza recheada, um batido de chocolate grande e o menu de entrecosto.

— Estás com fome, não estás? — perguntou ela, com o queixo pousado na mão, observando-o enquanto o empregado do bar se afastava. Ele pousou o cotovelo no bar ao lado do dela. De novo, um formigueiro de alerta atravessou-a perante a sensação dele encostado ao de leve a ela. O tecido da camisa que ela comprara para ele era grosso e resistente, um enorme contraste em relação ao tecido insubstancial transparente da manga do vestido dela.

— Tive de pedir todas as especialidades, já que tu estavas a ser uma desmancha-prazeres e pediste uma salada.

— Gosto de refeições leves ao almoço. Vais arrepender-te por não fazeres o mesmo quando te servirem a comida da Elise hoje à noite, no Frais, e não tiveres espaço para a comeres. A tua cunhada é uma *chef* fabulosa.

— Não tens de mo dizer. Hoje de manhã tomei um dos pequenos-almoços dela. — Bebeu um gole de água gelada. — E cozinhou para nós no Solar Aurore, quando ela e o Lucien foram visitar-me. Mas não me vou arrepender de nada por pedir esta comida. E nem penses que vou partilhar o meu entrecosto e a minha piza.

— Por mim, está bem — retorquiu Lin com uma despreocupação determinada. Ele revirou os olhos.

— Está bem — disse ele, com uma expressão de quem estava a ser roubado à força, enquanto mergulhava o olhar na boca dela —, eu partilho.

Ela sorriu. Porque é que ela tinha sempre aquela sensação na parte de baixo da barriga e no sexo quando o olhar dele se afundava na boca dela daquela maneira? Era como se ele conseguisse afagar a parte mais profunda do seu ser com o olhar. A iluminação no bar, provavelmente, não mudava muito do dia para a noite, dadas as três janelas solitárias na parte da frente. Na obscuridade, Kam fazia fortemente lembrar Ian. Seria esse o motivo para aquela sensação deliciosa? De certo modo, não acreditava nisso.

Uma pergunta invadiu arditamente o arrebatamento dela.

— Tu tens? — perguntou ela calmamente. Confuso, as sobrancelhas dele curvaram-se ao de leve, por isso ela esclareceu. — Se tens uma mulher em França, quero eu dizer? Alguém especial?

— Não teria feito sexo contigo na noite passada, se tivesse alguém especial.

— É bom saber isso — disse ela, baixando o olhar ao ouvir a referência de ambos terem feito sexo. Assim sussurrada pela voz rouca com sotaque de Kam, soava a algo ilícito e excitante. Já para não falar no facto de ouvi-lo a dizer aquelas palavras lhe provocar uma invasão de fragmentos de lembranças eróticas.

Já queres, ma petite minette? Queres depressa e com força?

— Queres dizer que é bom saberes que tenho uma leve noção de princípios morais básicos? — perguntou ele.

— À exceção de ti, Kam — disse ela, recuperando da reminiscência carregada. — É bom para qualquer mulher, em qualquer situação, ouvir esse tipo de coisas.

Ouviu-se um som metálico triturador ruidoso, de trás do bar, e o empregado praguejou. Kam estremeceu um pouco, mas nenhum deles parou de olhar para o outro.

— O Ian nunca falou sobre isso contigo? — perguntou Kam.

— Sobre o quê?

— Sobre mim... e mulheres.

Agora ela estava baralhada.

— Pensava que tinhas dito que não tinhas ninguém.

— Ninguém especial.

Ela pestanejou.

— Ah, estou a perceber. Há mulheres, no plural. Do tipo não especial. O que é que o Ian sabe sobre isso?

Ele ficou sem expressão.

— Nada.

Ela libertou um suspiro irritado.

— Então, se ele não sabe de nada, o que é que ele haveria de me contar? Ele ficou contigo várias vezes em Aurore. Não estás a sugerir que ele sabia de alguma coisa acerca das tuas idas e vindas? — Ela corou. Idas e vindas. Todas as palavras que ela usava com ele pareciam ganhar um tom sexual.

O empregado estava agora a praguejar num tom de voz subjugado enquanto a mulher que viera os recebera à porta lhe berrava instruções. A expressão impassível de Kam não cedeu.

— Está bem, então não vamos falar sobre isso. — Ele suspirou, sentindo-se cercado. — Não, não é isso. Dá-me só um minuto.

— Está bem. — Teria ele ficado irritado com o interrogatório dela? Talvez fosse à casa de banho. Curiosa, chegou-se para a frente, quando, em vez de se dirigir às traseiras do estabelecimento, onde ficavam os lavabos,

ele contornou calmamente o bar. A empregada reparou de imediato na figura alta, formidável e não convidada dele por trás do balcão, mas o empregado continuou a lutar e a bater numa máquina de gelados e batidos, a praguejar. Kam bateu-lhe no ombro.

— Importa-se? — perguntou, apontando para a máquina.

— Faça favor — disse o empregado do bar com um ar divertido passando um segundo, chegando-se para o lado.

Kam chamou a atenção de toda a gente que estava sentada ao balcão, não apenas a de Lin. Ele aproximou-se da máquina e abriu uma tampa utilitária. Por um instante limitou-se a examinar todo o módulo. Lin ficou com a impressão de que, de certo modo, ele estava a absorver a máquina. Era um pouco como ela se sentia sempre que ele olhava para ela com um olhar tipo laser, que parecia ver mais do que somente a superfície, como se estivesse a examinar cada componente e a analisar como eles funcionavam em conjunto. Ela não conseguiu perceber ao certo o que ele fez a seguir, mas se tivesse de o descrever, diria que virou uma coisa, torceu outra e empurrou uma terceira: um, dois, três, numa contagem para algo bom.

Ligou o interruptor e a liquidificadora emitiu um bramido monótono familiar que Lin ouvira esporadicamente desde que ali tinham entrado.

— Nem sequer tinha reparado que estava avariada. Foste simpático em a arranjares — disse Lin, espantada, quando ele voltou a sentar-se ao lado dela, ao balcão, um instante depois, acenando, com um ar de ligeiramente incomodado, para que o empregado parasse com os profusos agradecimentos.

— Nem por isso — retorquiu, contorcendo os lábios numa expressão trocista de si próprio. — Queria o meu batido.

— Não foi isso — disse ela baixinho depois de o examinar atentamente durante vários segundos. — Estava a incomodar-te. Haver alguma coisa em desordem... avariado, perto de ti. Não foi?

Ele franziu o sobrolho, sem responder por um instante.

— Não suporto estar perto de uma máquina que não funcione. É como se elas me chamassem. Me gritassem. Sempre foi assim.

Ela lembrou-se dele a interpretar o corpo dela na outra noite com o seu toque.

— E com os seres humanos? É a mesma coisa? Foi por isso que estudeste medicina?

— Seres humanos, animais... tudo o que não estiver a zumbir como deveria. Seja o que for que esteja avariado, não me deixa em paz. Se alguma coisa estiver fora do ritmo, eu ouço-a. Sinto-a. Também me deixa em desordem.

— Isso é fascinante — disse ela suavemente. Era estranho que um homem tão rude e ousado pudesse sentir as fragilidades do universo de uma maneira tão perspícaz.

— Porque é que não acabaste o teu internato depois de terminares o curso? — perguntou Lin enquanto o empregado do bar colocava os utensílios para a refeição, a salada de Lin e o batido de Kam à frente deles.

— A minha mãe ficou doente.

— Ela vivia no Solar Aurore, não vivia? — perguntou Lin.

Ele acenou com a cabeça.

— Trabalhava lá. Ela cresceu num orfanato em Dublin. Depois de se ter candidatado num serviço de contratação de empregadas, foi transferida da Irlanda para Aurore. Acho que se considerou uma visitante irlandesa temporária até ao dia em que morreu, mesmo apesar de ter vivido no Norte de França durante vinte e sete anos da vida dela. Ela nunca dominou verdadeiramente a língua francesa, nem mesmo depois desse tempo todo — explicou com um ligeiro sorriso.

Lin observou-o a erguer a longa colher prateada do batido e a servir um pouco do líquido espesso e branco entre os lábios. Ele fê-lo deslizar para fora da colher. O gelo da colher gelada desapareceu num segundo por causa do calor da boca dele. Ela pestanejou, hipnotizada com a visão.

— O meu pai seduziu-a quando ela tinha dezanove anos — continuou Kam, sem rodeios. — Engravidou-a de mim e, provavelmente, nunca lhe dirigiu mais de uma dúzia de palavras entre essa altura e a altura em que morreu.

Lin bebeu um gole de água. Ele soara brutalmente honesto acerca dos crimes cometidos pelo pai. Que existência estranha e solitária Kam Reardon devia ter tido ao crescer nos terrenos da casa do seu pai distorcido.

— Mas o Trevor Gaines falava contigo — disse ela, calmamente, passado um instante, examinando o perfil dele. — Ensinou-te o que sabia sobre máquinas, computadores e relógios.

— Já. Ele falava comigo. Deixava-me viver na propriedade e comer a comida dele e esfolar-me a trabalhar para ele. Quando eu tinha oito anos, supliquei-lhe para me mandar para a escola pública na vila. Ele deixou porque pensou que o conhecimento básico da matemática poderia tornar-me num assistente melhor no laboratório dele e não tinha qualquer interesse em ser ele a ensinar-me. Quando cresci, usei o meu conhecimento de como melhorar algumas das invenções dele para negociar com ele. Ele mandou-me para a faculdade em troca da informação e, depois, ficou ressentido comigo desde então por eu ter superado as suas capacidades mecânicas. Acho que tudo isso faz dele o Pai do Ano — disse Kam com um olhar de lado sombrio.

Ela inspirou devagar, tentando dissipar a dor que sentia no peito.

— Lamento muito, Kam. Foi... melhor receber essa atenção rancorosa dele? Ou preferias ter sido como o Lucien e o Ian?

— O Lucien e o Ian ficaram melhor completamente livres dele. A melhor coisa que o Gaines alguma vez fez por eles foi ignorá-los dessa maneira — resmungou Kam rancorosamente. Inspirou quando reparou na expressão surpreendida dela.

Sem querer dizer algo, porque meras palavras jamais seriam suficientes ou porque não queria que ele pensasse que ela não era capaz de lidar com o que ele dissera, Lin pegou no garfo e misturou o molho com a salada. Durante um momento tenso, nenhum deles falou.

— Viver perto do Trevor Gaines era como viver junto a uma máquina perpetuamente avariada — disse ele, com um tom de voz subjugado, após uma pausa, olhando fixamente para a frente. — Quase enlouqueci por estar perto dele. Era como viver com um ruído surdo e uma pancada implacáveis, algo a triturar-me os ossos, só por causa do raio da sua presença. Numa determinada altura, ele pediu para eu viver com ele no solar. A minha mãe insistiu para que eu fosse, ela vivia numa espécie de mundo de fantasia no que dizia respeito a ele e a mim, por isso fui. Ele vestiu-me como o Pequeno Lorde e tentou ensinar-me a ser um cavaleiro — lembrou-se Kam com um sarcasmo ebuliente. — Mas eu sabia quem ele era. O que ele realmente era. Depois do que ele fizera à minha mãe, quem o saberia melhor do que eu? Hipócrita de merda imundo — explodiu baixinho. — Acabei por me passar e dizer-lhe o que ele podia fazer com as elegâncias sociais dele. Não — concluiu de um modo sombrio. — O Ian e o Lucien tiveram sorte em nunca pousar os olhos naquele filho da mãe.

Lin não hesitou perante aquele súbito acesso de ferocidade. A maneira ríspida de falar foi desaparecendo devagar, à medida que ele parecia voltar a si. Ambos observaram, em silêncio, o empregado do bar a pousar o resto da refeição de Kam à frente dele.

— Desculpa — disse ele apaticamente depois de o empregado se afastar.

— Não tens de pedir desculpa. Não há nada de chocante na raiva que tens dele. É perfeitamente compreensível.

— Estás preocupada com hoje à noite? — perguntou ele circunspectamente passados alguns instantes silenciosos a comerem.

Ela olhou de lado, surpreendida. — Não. Tu estás preocupado?

Ele engoliu e abanou a cabeça.

— Sê simplesmente tu próprio, Kam — disse ela calmamente.

— Pensava que era isso que estavas a tentar ajudar-me a evitar — disse,

antes de dar uma trinca rápida no entrecosto tão tenro que se podia cortar com o próprio garfo.

— Estás enganado. Jamais quereria que fosses outra coisa que não tu próprio. — Pensou numa forma de amenizar a ansiedade dele, dando-lhe um conselho. — Fala com as pessoas como falas comigo — sugeriu.

Uma expressão estranha surgiu nas feições hirsutas dele. Ele pousou o garfo e a faca e bebeu um gole de água gelada.

— O que foi? — perguntou Lin ponderadamente.

Ele inclinou-se para perto dela até as suas bocas ficarem a apenas alguns centímetros uma da outra.

— Estamos lixados — disse ele, e o hálito quente roçou nos lábios dela.

— O que queres dizer com isso?

— Raramente falo seja com quem for. Pelo menos, nestes últimos anos.

— E? — sussurrou ela, cuidadosamente, apanhada pelo brilho daqueles olhos ensombrados.

— Disse-te mais palavras a ti nas últimas vinte e quatro horas do que durante toda a minha vida a pessoas que conheço. Para falar contigo não preciso de pensar. Simplesmente... falo.

— Oh — disse ela, desorientada. Fitou o garfo que tinha na mão, perguntando-se como fora ali parar. Para que era sequer usado? Pousou-o abruptamente, esforçando-se por recuperar a linha de pensamento racional.

— Bem, então... ouve só — sugeriu ela, sem fôlego. Ergueu o olhar para o rosto sombrio dele. — Ouve os Gersbach, como ouves o resto do mundo, absorve as intenções deles, sente os ritmos deles. Não te sintas pressionado a representar. Não é isso que se pretende. Hoje à noite, observa-os e depois podes dizer-me tudo o que pensaste. Nessa altura, passas tudo para palavras.

— Então, depois tenho-te para mim? Só para mim?

Ela começou a sentir a pulsação na garganta, enquanto fitava a boca dele. Não se preparara para ouvir aquilo. Ela estava à inteira disposição dele, cujo olhar estava fixo na garganta dela. Instintivamente, ela colocou uma mão no pescoço, mas ele impediu-a, envolvendo-lhe o pulso com a sua mão. A respiração dela congelou e depois ardeu-lhe nos pulmões, enquanto o via a levantar a mão dela devagar até à boca dele e lhe depositar um único beijo na palma da mão. Foi um gesto simples e, no entanto, assombrosamente complexo. O sexo dela contraiu-se com força perante a sensação dos lábios firmes dele pressionados contra a mão dela e a sugestão do calor para lá deles.

— Vou pensar nisso — sussurrou de um modo trémulo, quando os olhares deles se reencontraram.

A alusão de um sorriso puxou-lhe os lábios. Ela não conseguia tomar uma decisão lógica com os olhos perspicazes dele a trespassá-la e com o beijo dele ainda a arder na palma da sua mão. Ficou com a impressão desconfortável de que, enquanto ela não sabia ao certo como a noite acabaria, Kam tinha cem por cento de certeza.